

Coletânea de Crônicas

2017



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

André Rossi Canals | Organizador

Temos em mãos, mais uma edição da Coletânea de Crônicas do Projeto Passo Fundo. Da qual revelamos a preocupação em apresentar os textos mais primorosos dos autores passo-fundenses. São crônicas muito bem pinceladas com toques de humor sem deixar de lado o compromisso com a crítica. Os temas são das mais variadas situações que a vida nos apresenta.

As aflições do cotidiano são muito bem expressas em escritas bem acabadas de trinta e dois escritores que não medem esforços de apresentar textos de qualidade.

É um livro que podemos observar que foi organizado para o leitor. A preocupação com a qualidade, a escrita culta e doses de imaginação, são aspectos presentes nesta obra.

Coletânea de Crônicas

2017



Organização de André Rossi Canals

**Coletânea de crônicas
2017**

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2017

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

1ª Edição – 1ª Impressão

Julho 2017

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Capa: Maria Lucina Busato Bueno - Família Leitura Diálogo, Tinta acrílica sobre Eucatex.

Revisado pelo autor em: 28/06/2017

C694 Coletânea de crônicas [recurso eletrônico] : 2017 / organização André Rossi Canals. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2017.

2,1 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-302-9

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Crônicas brasileiras. I. Canals, André Rossi, coord. II. Título.

CDU: 869.0(81)-94

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Sumário

Sumário	5
Apresentação	7
Sobre antígonas.....	9
Pára isso aí.....	13
O Suicídio coletivo que salvou a humanidade.....	15
Paternices	19
Pontos de interrogação	20
Raquel.....	22
Cenas da vida.....	25
O despertar de um novo dia.....	27
A menina e o facebook.....	29
À sombra do poeta	31
Era uma vez uma casa	34
Noite caudalosa.....	36
Fila sem fim	38
Patacoadas gauchescas	39
A comida na roça.....	42
Eles existem!.....	45
Os chineses da rua Bento Gonçalves.....	47
Hora do silêncio.....	50
Um minuto de angústia	52
A camponesa	54
Papo de comadres	57
Lembranças da minha infância.....	60
Desculpe o transtorno, preciso falar de mim.....	61
Em todos os lugares	63
Refletinando	66
O sofá trem.....	68
Chá do quê?.....	70
Mais amor hoje.....	74
Pizza e parto	76
A vingança do sabiá	77
Devaneios de um anoitecer de outono.....	79
Depois daquele olhar	81
Sobre os Cronistas	84

Apresentação

Inicialmente, confesso que senti uma carga de responsabilidade na organização desta coletânea. Eram centenas de textos e dezenas de autores de acentuada qualidade. Contando ainda, as crônicas eram de diversos temas, acrescentando assim, dificuldades na escolha.

À medida que o trabalho evoluía, conhecia os autores e suas respectivas produções. Não obstante, surgiram dúvidas de quais reunir na coletânea. A cultura gaúcha e colonial, a juventude, o cotidiano, a drogadição, a poesia, redes sociais, a vida, a família, relacionamentos, a escola, a educação, angústia humana, as amizades, a mídia, a cultura grega, o amor, o racismo, a infância, a universidade, a ciência foram temas escolhidos para compor esta antologia. Como também não faltaram historietas, críticas, informações, humor, entre outros.

Em poucas palavras, não conseguiria expressar o sentimento que proporcionou este trabalho. Há caracterização de apreender cenas da vida. Com escrita curta, mas de profundidade incomensurável, por outro lado, com escrita extensa, sem superficialidade.

Sendo a crônica, descritiva ou narrativa, ela tem uma função primordial, a de satisfazer o leitor com seu ritmo particular e de conteúdo inusitado. Portanto, ela pode ser dotada de uma crítica indireta de assuntos sociais, políticos, econômicos e científicos. Dessa maneira, cumpre a atribuição de trazer informação e reflexão.

Ao passo que a coletânea ganhava corpo, pude perceber a riqueza que possuía em mãos. Variados textos estavam reunidos, lado a lado, que poderiam proporcionar ao público uma leitura saborosa.

Penso que o leitor tem, agora, um livro que foi composto pensando nele. O cuidado na escolha das crônicas, observou no seu entorno a qualidade na escrita, e que isso possa transmitir-lhe cultura e aguçar a imaginação.

ANDRÉ ROSSI CANALS

Sobre antígonas

Jorge Alberto Salton

Há, sim, relações que são definitivas.

Não estou a falar em relações simbióticas, dependentes, que geram ataques de nervos. De pessoas atormentadas por seu apego, não por seu amor. Que permanecem agarradas em quem se foi e que não desejam libertar-se desse apego e continuar a levar adiante a chama acesa da vida. Falo daqueles vínculos que são maduros, que são vividos com total independência, que são sérios e não sisudos; construídos a partir de grande empatia mútua e de um suceder de vivências compartilhadas de profunda intimidade mental. Fenômeno sublime e complexo, difícil de ser descrito.

Essas relações, quando as vivemos, ou quando as percebemos sendo vividas por pessoas de nosso meio, jamais esquecemos.

O irmão Elisomero, faleceu - essas relações não acabam com a morte -, a irmã, Izete, ainda cuida dele. Cuidará para sempre.

Por recomendação de Izete, a irmã - estendo a todos vocês que me lêem -, reli a tragédia Antígona de Sófocles, a filha de Édipo.

Trata-se da tragédia de uma mulher que em absoluto se importa com sua vida quando se trata de ajudar seu irmão, mesmo que morto. Antígona já compartilhara sozinha da triste peregrinação do pai até a morte. Édipo, após ter arrancado os próprios olhos num acesso de loucura e de ter sido expulso de Tebas, seu reino, vagueara abandonado e temido por ser objeto de vingança dos deuses.

Os irmãos de Antígona, Etéocles e Polinice, combinaram dividir o reino entre si: reinariam alternadamente cada um durante um ano. O primeiro ano coube a Etéocles, que, contudo, ao fim de seu prazo, nega-se a entregar o reino ao irmão. Polinice foge para junto de Adrastos, rei de Argos, que lhe dá sua filha em casamento e o ajuda com um exército a sustentar sua pretensão ao trono: a famosa expedição dos Sete Contra

Tebas. Como a luta prossegue sem solução por muito tempo, os dois irmãos concordam em decidir a disputa em um combate singular. Lutam e ambos morrem.

Os exércitos retomam a batalha e os invasores são repelidos. Ao trono de Tebas sobe Créon, tio dos dois príncipes mortos. O novo rei manda enterrar o corpo de Etéocles com todas as honras, mas deixa o corpo de Polinice onde caíra, proibindo, sob pena de morte, que alguém o enterre.

Novamente surge a capacidade amorosa insuperável de Antígona. Deixaria o corpo do irmão entregue aos cães e aos abutres, sem os ritos considerados essenciais ao repouso dos mortos?

Sófocles escreve uma peça a partir da decisão de Antígona de, mesmo desafiando a morte, enterrar o corpo com suas próprias mãos.

A cena inicial principia ao despontar do dia diante da porta do Palácio de Creonte. Antígona fora descoberta: "Que façanha mais gloriosa poderia ter realizado do que a de dar sepultura a meu irmão?" Seu tio, Créon, a pune com a pena de ser enterrada viva por haver deliberadamente desobedecido: "Vou juntar-me a quase todos os meus (...)". "...minha chegada será grata a meu pai, meu querido pai, grata a ti, minha mãe e grata a ti também meu irmão bem-amado".

Voltemos a Izete. Algumas raras ações revelam o amor absoluto, o amor que vai além das escalas de medição. O amor está na ação, na atitude.

A persistência, a paciência, a determinação, a luta de Izete para trocar de cemitério o corpo do irmão expõem o interesse pleno, o afeto profundo que uniu a ambos. É uma amostra do que sempre se passou.

Izete espera resignada a passagem dos três anos exigidos para realizar o traslado do corpo do irmão pelos quinhentos quilômetros que o separam do cemitério definitivo, da cidade onde mora Izete, onde Izete e Elisomero nasceram e cresceram.

Burocracia estenuante e enervante. Foram muitas as repartições a visitar e os carimbos a visar em meio ao arruído irritante de calçadas e de ruas de uma grande cidade. Para que tanto esforço e cansaço?

Pergunta sem nexa. É óbvio que os restos de Elisomero ficarão melhor cuidados próximo aos olhos de Izete. Não há o que se discutir.

Os amigos de Elisomero queriam-no naquele cemitério onde estava, perto deles, na cidade onde se realizara como profissional, onde fizera crescer tantas coisas boas e tantas amizades e tantos admiradores. De alguns amigos mais impositivos, Izete esconde que havia conseguido permissão para o traslado. Esconde sem culpa porque sabe que sua relação com o irmão é a de um afeto imensurável e, como tal, superior à deles, que, mesmo imensa, cabe nas medidas.

Há problemas: o cemitério se situa numa colina, não existe drenagem. Muitos túmulos estão alagados. O acesso é difícil e é macabro. Há dúvida sobre em qual caixão está o corpo. Um irmão de Izete e de Elisomero sugere ao operário: "Para não estragar mais ainda o caixão, abre-o só nos fundos, se as meias forem brancas é ele..." Izete faz com que seja aberto de todo, não há de ficar dúvidas.

E para erguê-lo? Está pesadíssimo, encharcado. Finalmente, em oito conseguem o feito. Há o chacoalhar de uma coleção líquida dentro do caixão. Discussão: é água da chuva? É líquido do corpo?

Aberto de todo, vê-se quase só osso, quase nada de pele. O corpo está sem as meias brancas, de nada adiantaria ter aberto só os fundos do caixão. Vêem-se apenas as golas do moletom, nem mais os dizeres "Dom Bosco". Para tirar todo aquele líquido de dentro do caixão, são exigidos duzentos e vinte reais, a exumação do corpo. "Não! A questão não está no gasto adicional. É melhor viajar com tudo, pode ser líquido do corpo", afirma decidida Izete.

Na estrada, param num restaurante. A caminhonete com o caixão está estacionada de ré, bem em frente à porta. Izete observa, entre uma mastigada e outra, que há um vazamento. Vê-se no chão uma poça. Que líquido é aquele? Alguém mais o estará vendo?

Concluída a viagem. É noite. Onde posará o caixão? Sim, existem as questões práticas em tudo o que fazemos. Por exemplo: no cemitério definitivo, antes de depositar na cova, Izete opta por furar o caixão com uma pua. Não ficará nunca alagado.

Operação concluída, Izete sente paz. É verdade que surge, por vezes, uma pontinha de intranqüilidade. Deveria ter apertado mais forte a mão do irmão por ocasião da última despedida na noite anterior a sua morte? Quem ama zela não só pelas grandes, mas também pelas pequenas atitudes.

Izete nos ensina que é possível amar plenamente alguém enquanto vivo e, depois, serenamente, amar plenamente sua memória.

As Antígonas de ontem e de hoje retratam a trajetória magnífica de seres que principiam suas vidas com um vínculo absoluto, porém dependente e simbiótico, para irem alcançando pouco a pouca autonomia e, quando já de todo independentes, constroem outro vínculo absoluto, porém consciente e autoderminado. Tal capacidade nos humanos, seres que são sinônimos de vínculo, é degrau supremo.

Izete e Elisomero compartilharam seus medos. A relação que construíram foi o belo truque que lhes permitiu vidas produtivas e de qualidade.

Acabo de relatar um pequeníssimo fragmento da vida em comum desses dois irmãos, inteligentes, sensíveis e de personalidade forte. Não se trata do fragmento final. Com descortino incomum, Elisomero criou um impedimento banal, tentando impossibilitar a presença da irmã no período em que a vida provavelmente o deixaria. Tentava poupar a ambos de uma despedida. Despedida de faz-de-conta, pois em relação assim não há despedida. E é claro, uma Antígona não deixaria de estar presente nesta hora. Izete esteve sim junto com Elisomero na sua hora derradeira.

Pára isso aí...

Marlene Kremer

Dois momentos desta segunda feira, dezoito de maio de dois mil e quinze e que me deixaram com aquela cara de "Meu Deus, pára o mundo que eu quero descer!".

O primeiro foi quando, na internet, assistia a um determinado vídeo de uma determinada figura, não tão pública, mas que está vinculado a 'evangelização de fiéis', com direito a horário exclusivo na TV e tudo mais; abordando estórias de como o senhor em questão dizia coisas, frases do tipo "só no Brasil". Assuntos estes, referentes a curto diálogo que mantivera durante um encontro com certo estrangeiro em visita ao nosso país. Enquanto, segundo narrativa, ambos faziam eventual caminhada numa região de praias paulistana, sendo que comentavam sobre a atual conjuntura político/social e econômica daqui. Isso tudo ocorre em tempo real, mas de forma desdenhosa, debochada até, durante o evento colocado pelo pastor.

Arrisco-me argumentar esse episódio com um 'nada e tudo a ver'. A maioria dos países do planeta tem problemas semelhantes ou piores que os nossos; conforme venho observando através dos noticiários. Meios de comunicação da imprensa escrita, falada ou televisiva.

O momento seguinte foi enquanto navegava por canais de comunicação da TV, a esmo, em busca de algo - não usarei aqui da palavra descente, seria pouco apropriado nesse momento de alguma especulação por parte desta que vos digita: digamos então coerente - para contemplar a aura aturdida desta minha exaurida psique. Piada! Cruzei com um deles e estacionei ali por alguns instantes analisando, tentando entender o que o pessoal ligado ao tal CQC, programa em horário nobre (outro deboche), queria dizer me àquela altura do tempo. Nova decepção! Usavam, os atores apresentadores, dos infortúnios e desgraça alheios para auto promoverem-se, encher linguiça - o vácuo da

programação - falando a respeito da pobreza material do seu semelhante (havia pessoas sendo entrevistadas em ruelas estreitas e casas tipicamente improvisadas em uma favela tirando proveito da situação de forma desonrosa). Ou então respondiam levianamente, claro, de maneira grotesca aos participantes da 'entrevista' e também à alguns e-mails enviados pelo telespectador. Todos tentando fazer concorrência uns com os outros, só na base da banalidade das ideias postas ali no jogo do vale tudo. Ninguém merece! As pessoas tornam se previsíveis demais, repetitivas demais, sem nunca acrescentar em nada o meu angustiado, mas ilimitado anseio à cata do conhecimento interpessoal.

Cadê o NationalGeographic, daqui? Migrando para o Discovery Channel avaliar o mundo bizarro dos psicopatas marginais, estudados por Freud e alguns outros num passado ainda recente (retroagindo 1939). Epicentro de ensaios médicos terapêuticos na sociedade ocidental.

Buscar entender a mente aflita do humano mais e mais, é meu passatempo favorito ultimamente. Ainda que estranho, aprendo muito com isso!

Fui!

O Suicídio coletivo que salvou a humanidade

Getúlio Vargas Zauza

Estamos no ano de 2023. Agora é o mês de janeiro. Os aparelhos de videocomunicação trazem uma notícia que agita a humanidade: REUNIÃO DOS GOVERNANTES DOS PAÍSES SUPERDESENVOLVIDOS.

Mas por que estes senhores resolveram reunir-se? Nem o motivo foi revelado, muito menos os temas a serem tratados. Tudo é segredo, pelo menos assim pensam os promotores e organizadores do conclave.

Esqueceram-se, no entanto, ou melhor, talvez não soubessem que um grupo de homens de todas as nacionalidades vinha desenvolvendo intensas pesquisas relativas ao desenvolvimento da consciência. Tais estudos já permitiam investigações sobre quaisquer acontecimentos sociais após 72 horas de sua ocorrência. E foi por meio desses recursos que ficamos sabendo do assunto que levará os presidentes e seus ministros a essa reunião.

A grande preocupação daqueles senhores era o fato assaz curioso. Não entendiam como poderia ter acontecido e era necessário que tomassem providências imediatas. Caso contrário, não poderiam continuar executando seus planos secretos.

Na verdade esses planos eram uma coisa muito obscura que eles mesmos não saberiam explicar as razões, mas de qualquer forma eram fiéis executores.

Aliás, isso não é nenhuma novidade, pois os governos dos países seguem orientações cujas origens mais profundas eles desconhecem. Também isso é verdade para a maioria dos homens. Eles desconhecem os motivos profundos do seu agir. Os homens em sua maioria são quase autômatos programados psicologicamente.

O fato é que os SERVIÇOS DE INFORMAÇÕES dos ditos países constataram assombrados, ao verificarem os registros civis, que há

cinco anos não ocorreria nenhum nascimento em parte alguma do mundo, dito civilizado.

O leitor se perguntará por que este fato teria provocado tanta apreensão nos governos dos países superdesenvolvidos. E por que tanto tempo para tomar providências?

É que a princípio os homens dos SIs imaginaram que talvez fosse por causa de um fenômeno atmosférico até então desconhecido e ordenaram aos seus cientistas que investigassem nesse sentido. Como ao cabo de quatro anos de investigação científica não houvessem encontrado nenhuma explicação, os governos resolveram tratar do assunto do ponto de vista da política transnacional e no que interessava aos objetivos por eles perseguidos.

Acontecem coisas estranhas nesta humanidade!

Há alguns anos antes, lá por 1920, circulou uma notícia que haveria um plano elaborado por um grupo de homens, os quais pretendiam dominar o mundo. Pouca gente deu importância a isso. Os poucos tomaram conhecimento desse plano nos anos que antecederam esta crônica notaram uma imensa coincidência entre estes supostos planos e os acontecimentos sociais.

Mas qual o interesse em dominar o mundo? Afinal se o tal plano fora de fato elaborado por alguém esse ou esses já não existiriam mais, já teriam virado comida dos vermes ou das traças. Porém havia um fato atual. Os governos estiveram reunidos e discutiram suas preocupações em não poderem levar à execução os planos que haviam recebido. Mas recebido de quem? Era uma coisa curiosa. Eles mesmos não sabiam em sua consciência dizer de onde vinham as instruções. Era uma coisa assim de repente os Ministros da Defesa, do Planejamento, da Educação, das Comunicações, da Justiça, etc. estavam reunidos discutindo essas idéias, elaborando novos planos neste sentido. Parecia estarem sendo induzidos por sugestão hipnótica. Mas quando se tratava dos assuntos mais secretos, das diretrizes básicas serem reelaboradas, só os súperes tomavam parte como era o caso de agora.

A preocupação central discutida na última reunião dos súpères era perigo de não conseguirem manter o processo que até então vinham mantendo.

Alguns dos aspectos do plano poderiam ser levados adiante por mais alguns anos, até que todos fossem ficando velhos e morressem. Mas chegaria um tempo em que tudo teria que terminar.

A morte das pessoas em si não era o que os preocupava. Parece que o grande problema era não ter jovens para morrer. A morte das pessoas velhas não horrorizava. Era essa a preocupação dos senhores: que não houvesse jovens para permitir o sacrifício. Mas por que queriam jovens para morrer? Nada horrorizava mais que a morte jovem.

Lembro-me de uma passagem do Fausto de Goethe em que Mefistófelis dialoga com o senhor, no prólogo no céu. O senhor referindo-se a Fausto:

Senhor- Enquanto ele viver na vida terrena não te é proibido experimentar-lo. Está sujeito a errar enquanto luta O Homem.

Mefistófelis- Agradeço-vos, pois nunca soube haver-me com mortos. O meu gosto. São rubicundas e sadias faces. Cadáveres, não quero, faço o mesmo que o gato com o rato.

Pois é, tinham o mesmo gosto de Mefistófelis, esses senhores. E eles estavam assustados ante a perspectiva de não terem jovens rubicundas faces para o macabro sacrifício.

A humanidade boa já estava cansada do hediondo sacrifício.

Um dia na Assembléia dos sábios pesquisadores da vida de espírito alguém falou meio só por falar, sem acreditar que aquela frase poderia tomar tal sentido e proporção:... E se todas as mulheres do mundo, cansadas de conceber, gestar, amamentar, criar, educar com desvelo e amor para depois seus filhos servissem a fins tão bestiais, se elas se negassem a conceber? Será isso um meio eficaz para pôr fim a esse absurdo de guerras e mais guerras? Por que criar filhos com tanto carinho e amor e depois vê-los sendo sacrificados? Por que tanto esforço e tanto trabalho para depois tudo ser destruído junto com tão amadas

criaturas? Não é um horror que 80% do trabalho humano seja destinado, direta ou indiretamente, para fins destrutivos?

O fato é que essa frase dita assim sem maiores intenções penetrou em muitos corações, e foi sendo passada de boca em boca para o ouvido e daí para o coração, e para a razão de todas as mulheres do mundo. E o mundo inundou-se desse pensamento-sentimento.

E aconteceu para o desespero dos chefes de Estados, que todas as mulheres do mundo se negaram a conceber.

Os Presidentes e seus Ministros ficaram tão desesperados por não terem como executar seus planos que resolveram suicidar-se coletivamente.

Agiram como escorpiões quando atacados pelo fogo. E a partir de agora reinará a paz, o verdadeiro progresso dos homens poderá acontecer. A Terra será transformada em um imenso jardim e os homens serão felizes.

Paternices

Marco Aurélio Barbiero

Preciso reciclar meus métodos de conversação com a minha filha... Desde que ela nasceu, tenho ganas de beijá-la, apertá-la e até mordê-la toda vez que chega perto de mim.

Acontece que agora, aos seis anos, ela começou a ter conversas sérias comigo. Ocasionalmente ela está falando comigo sobre alguma coisa importante e eu não resisto e a ataco covardemente.

Esse comportamento vergonhoso já tinha acontecido antes com o mano e, mais cedo ainda, com a minha mulher, mas agora parece que será mais difícil de superar.

Eu sei que deveria parar com isso porque pode causar traumas no futuro - especialmente se eu a chamar de "popotinha cor de rosa" na festa de quinze anos.

Infelizmente minha consciência não tem o mesmo poder dos meus instintos paternais. Então eu resolvi instituir o Pote da Terapia: toda vez que eu faço algo que possa envergonhar minha filha, coloco umas moedas no pote para pagar o psiquiatra no futuro.

Se ela não precisar de terapia será um mulher muito rica!

Pontos de interrogação

Tânia Du Bois

Ouvi a expressão, *“piranhas no andar de cima”*; porém, hoje, andam contando os passos no térreo e colhendo aplausos? Castelmann expressa, *“A caça da onça é sempre divertimento, o combate ao jacaré, um simples passatempo, o encontro com as serpentes venenosas é um acontecimento diário, mas falei-lhes de piranhas e vereis que seu rosto se contrai exprimindo horror”*; Pablo Neruda pergunta, *“Por que o tubarão não ataca / as impávidas sereias?”*

Somos a embarcação flutuante que navega direito, apenas a naufragar nas águas frias e salgadas? O discurso segue o caminho que nos conduz à formação rochosa? Na passagem do tempo ficamos assistindo o empilhamento de pedras em várias alturas no equilíbrio possível?

Quando será suspenso o “concurso” de mentiras? Se os dias são iguais, por que tropeçamos no primeiro de abril? Há prêmio para quem criar “invençônicas inusitadas”? Ou para quem detalhadamente constrói através da mentira? Quantas artimanhas são utilizadas para alcançar o poder? Há recompensa para quem ao ludibriar os fatos gere “cascatas” que resistam ao tempo?

Prestemos atenção, as cores do dia são pintadas com tons contrastantes, vibrantes e conflitantes; então, quantas composições diferentes se multiplicam aplicando a inverdade e dinamizando a maldade? Pablo Neruda completa, *“Se fundirá tua destruição / em outra voz e em outra luz?”*

Considerar o fato como capricho é pontuar o semelhante e o desprezar? A verdade deve vencer a mentira? Cada coisa tem sua hora e lugar, certo? É possível dizer as palavras certas no seu devido tempo, sem inventar palavras que atropelem o tempo? Agir por vontade própria, com gosto, cor e uso é descumprir a lei? É desfiar o distorcido com a técnica da execução? Neruda questiona, *“que coisa irrita os vulcões*

/ que cospem fogo, frio e fúria?” e “Com que direito numeraram as uvas do cacho?”

Alguém escreveu que “A araucária nos acompanha do berço até o momento em que descarnamos. Traz renda e benefícios para todos... tem fazendeiro destruindo essa espécie fantástica. Se ele cortar a araucária crescida pode ir preso. Criou-se um desamor à espécie. A lei é burra – só proíbe e não busca soluções. Só falta vontade política... a cutia, boa de ouvido, não perde o ruído da pinha caindo”.

Non temos dentes, nem garras para abrir o pinhão. Como fazer da vida a “luta” diária que nos mantenha vivos? Pablo Neruda pergunta, *“É verdade que as esperanças / devem regar-se com orvalho?”*

Raquel

Pablo Casca de Noz

Chegando do trabalho como sempre estou cansado, estressado, tendo certeza que trabalhar naquele escritório me deixa cada dia mais velho. Estando em casa fiz o que é de costume, peguei minha caneca de café preto sem açúcar, meu jornal (por mais que não prestasse atenção no que lia por causa de minha obsessão pelo escritório, me passava a falsa sensação de relaxamento) e sentei em minha poltrona. Passando algum tempo disso, - que não tinha me dado conta que adormeci- Raquel me chama para o jantar; em meio de abraços, carícias, (perto da mesa de jantar) Raquel começa a me beijar e deslizar suas mãos com mais força, fazendo com que minha libido aumentasse, mas por mais que quisesse não retribuía da mesma intensidade:

"Raquel vamos jantar", eu murmurava.

"Tem certeza..." Retrucava Raquel, enquanto suas mãos escorriam para dentro das minhas calças.

"Toda certeza." Rispidamente dizia para Raquel.

Como um banho de água fria, Raquel cessou quase de imediato suas carícias e se recompôs, mas ainda me fuzilava com os olhos. Eu queria dizer para ela que nem eu sabia ao certo, porque não sentia a mesma vontade que eu tinha antes, como quando nós éramos um casal de adolescentes, mas sem que eu percebesse, isso diminuiu.

Enquanto jantávamos, não dizíamos absolutamente nada, barulhos dos talheres antes agradáveis se tornavam angustiantes.

"Preciso dizer algo." Pensava comigo mesmo.

"Está muito bom o jantar, querida" Falei usando a minha mais bela cara idiota.

"Obrigado, Pedro", disse ela entre dentes.

Depois de ter acabado aquele "longo" jantar, Raquel me oferece um cálice de vinho, confesso que estranhei, pois ela não costuma beber, mas aceitei porque já tínhamos discutido demais aquela noite. O mais estranho que percebi foi que nenhum de nós bebemos um gole que seja daquele cálice, ambos ficavam somente se observando.

"Ainda acha que foi minha, culpa não é Pedro", disse ela timidamente.

"Raquel, não vamos falar sobre isso, estou cansado" disse eu desviando do assunto.

"Pedro, você sabe que era para ter dado certo o tratamento, eu juro que tentei, mas não deu certo." disse me olhando nos olhos.

"Droga Raquel, não quero falar sobre isso." falei explodindo de raiva.

Mas de repente Raquel vem até minha direção e de um modo bem estranho ela simplesmente troca meu cálice pelo dela.

"Beba." Disse ela novamente me olhando pelos olhos.

"Porque trocou meu cálice?" Perguntei a ela surpreendido.

"Por nada, somente beba." Disse ela friamente.

Por mais que eu observasse o cálice todos os meus sentidos diziam para eu não beber uma gota daquilo, parecia meu instinto de sobrevivência me alarmando, então olhei para ela e disse:

"_Raquel, eu sei que não foi sua culpa, tenho a certeza disso. Mas sempre me machuca, quando eu penso o que poderia ter sido se nosso filho tivesse nascido, como seríamos felizes. Dói muito imaginar o que seria, ver ele correndo pela casa, brinquedos espalhamos pelos chão, birras, risadas, ele me dizendo que sou o herói dele, realmente dói. Mas eu amo você, e continuarei amando sempre."

Então contrariando todos meus instintos coloquei o cálice na boca e quando eu iria engolir o vinho, de surpresa Raquel vem e troca o cálice novamente e diz:

"Realmente Pedro, eu sei que você pensa nisso. Mas não tem como eu não me culpar por trazer essa tragédia para nossa vida, me sinto responsável, mas eu te amo."

Então Raquel, - sem me deixar tempo para agir,- toma todo o líquido do cálice e fecha os olhos. Jogo meu cálice longe e vou em direção à ela. Pego ela em meus braços, e ela com os olhos semiabertos, olha para mim e sussurra:

"Esse é meu fim merecido Pedro, como sempre disse eu, morreria por você, eu te amo." E com lágrimas nos olhos ela morre.

Nesse momento realmente, tudo que eu tinha imaginado foi embora com ela, tudo o que era bom tinha sido com ela, tudo se tornou completamente sem sentido àquela hora, somente pensava nela e em tudo que tínhamos passado juntos. Então vejo o cálice dela no chão, com somente um gole do vinho. Pego o cálice, observo aquele último gole, tomo esse gole e jogo o cálice longe.

"_Nunca te disse isso, meu amor, mas eu também morreria por você."

Então, abracei-a."

Cenas da vida

Gabriel Bastos

Arrebata-se a pais carinhosos uma donzela, rouba-se às carícias do lar em que é princesa, jura-se amor eterno e promete-se o paraíso terrestre... Ela, confiante na felicidade, liga-se ao ente de sua predileção, entra no suspirado ninho e aí, dedicada aos deveres que a nova situação lhe assinala e que, com alvoroço, cheia de alegre carinho, enfeita, engrandece e eleva, é feliz e aguarda, ansiosa, a vinda de elos que lhe eternizem a felicidade... Seus cuidados se multiplicam, mas, com o riso nos lábios esparge no querido lar - amor e carícias.

Depois... Depois, chegam criaturinhas adoráveis, os filhos, e eis acendidos mais intensos os sentimentos que ligam duas criaturas por toda a vida...

Ah! Mas nem sempre o amor se eterniza, e vai se apagando no coração do esposo, que jurara amor eterno e prometera um ninho onde a vida, lhe correria entre os risos que a prole faz multiplicar cheia de infantis atrativos... Depois... Depois o infortúnio entrando, sorrateiro, pelo lar adentro!

O gênio do mal satura de indiferença o coração do homem, sempre e sempre a causa máxima de íntimos dissídios. Satan ronda onde a felicidade tem guarida, e insinua-se no coração do esposo e, arranca-lhe fibra a fibra, o mais nobre sentimento humano - o amor, síntese de todo o Bem! Satan, nessa empreitada sinistra, derroca o que o afeto constrói e infiltra a indiferença no coração de sua vítima que, afável ontem, ríspido hoje, transforma o lar antes feliz, onde arrulhos de amor soavam como música divina, em estância de penas e de lágrimas, onde range a indiferença em cada canto e "chora em cada canto uma saudade" de dias felizes. Então, dos filhos órfãos de carinhos, ir-se-á a felicidade, ruindo-se o lar paterno...

Negra a noite de manhã de rosas, se não ressurgir nova aurora de amor e carícias.

Sente-se confranger o coração, arrasarem-se os olhos de lágrimas que brotam incontidas ante tamanha crueldade do coração humano... Do coração do homem... Que o da mulher raro sofre indiferença pelo companheiro que elege.

Passo Fundo, 1932.

O despertar de um novo dia

Elbenice Vargas

Se ontem estive triste, hoje sou um novo ser. Obstáculos que a vida nos impõe: dificuldades, angústias, frustrações... Têm-se momentos tristes, têm-se momentos alegres...

Hoje é um novo dia. Raios dourados fulguram no ar... Voltemos para essa direção.

Momentos tranquilos, situações resolvidas, fatos consumados, mentes livres, corpos libertos...

Graças a Deus! Ele nos dá a oportunidade de nos renovarmos todos os dias. "As coisas velhas já se passaram". Hoje somos renovados para uma vida mais digna. Somos capazes de agir de uma forma mais consciente e condizente perante nós mesmos e os outros, todos os dias somos novas criaturas.

Nós, humanos, somos dotados de sentimentos muito envolventes, capazes de nos transformarmos constantemente, transportando-nos para um longínquo infinito.

Ora alegres, ora tristes... Momentos esses que balançam toda a estrutura humana.

Mentes estruturadas são aquelas que, fixas em um Ser superior, conseguem superar quaisquer obstáculos, pela sua maneira de agir, de auto avaliar-se, partindo para algo melhor.

Se ontem estivemos angustiados, hoje despertamos para um novo dia, para novos horizontes.

Façamos de nossa vida uma coletânea de bons momentos. Eles nos impulsionarão para a realização de tantos outros planos, projetos e desejos, que temos em mente.

Padre Sabóia de Medeiros, escritor, dissera: "O desejo tem a força de nos modificar". (...) "Se não tens a coragem de desejar a

perfeição, deseja esse desejo. O desejo de um desejo é mola que faz subir".

Só assim despertaremos para um novo dia, onde muitos raios de sol brilharão e iluminarão nossos caminhos. E, com isso, não seremos mais tristes; senão e apenas alegres e felizes...

A menina e o facebook

Sueli Gehlen Frosi

A menina de oito anos estava louca por uma página no Facebook e usou o domingo para pedir aos pais. Os pais, temerosos, argumentaram sobre a necessidade de se ter dezoito anos, sobre a possibilidade de invasão de desconhecidos, sobre o tempo que seria dispensado à página todos os dias. E a menina, filha única, insistiu e argumentou também. Disse ter amigos com facebook, disse ter saudades das tias e tios e que aceitaria as restrições que lhe seriam impostas.

A elaboração da página pela mãe foi acompanhada com ansiedade, a postagem de fotos nem se fala, mas, a chegada de convites e de amizade causou-lhe um frenesi. Foram gastas duas horas para que tudo começasse a funcionar e para que a menina conseguisse entender o funcionamento da coisa. Aí começou tudo...

Face funcionando, menina excitada, pais preocupados e, como não poderia deixar de ser, começou o estabelecimento de regras: 1) não pode aceitar ninguém sem supervisão; 2) entrar na página sem tomar café, escovar os dentes, arrumar os cabelos, trocar de roupa e ter as tarefas escolares prontas, nem pensar; 3) em dia de sol tem que brincar lá fora; e 4) comportar-se com educação e respeito com todas as pessoas com que entrar em contato, como se fosse ao vivo.

A sanção para o não cumprimento das regras: fechamento imediato da página de relacionamento. Acostumada com regras e com o cumprimento delas, a menina aceitou tudo e, relutante, foi dormir. A vontade dela seria continuar conversando com seu primo, mas o horário de dormir - regra anterior - havia chegado.

Na manhã seguinte sua avó acordou cedo e deparou com a neta toda arrumada, de uniforme do colégio, cabelo escovado, toda linda e... teclando. Havia uma fila de pedidos de amizade não aceita, que passou pelo crivo da avó. Sim, já havia tomado café - banana com granola e leite - e os dentes estavam impecáveis. E, sim, as tarefas haviam sido feitas,

só faltava estudar para a prova de língua portuguesa, coisa que foi cobrada a seguir pela mãe pelo telefone e, sim, ela estudou, um monte. A avó ainda está contando pra todo mundo...

Do resultado de algo tão simples e tão perigoso pode-se tirar algumas conclusões: a menina, assim como muitos de seus colegas e amigos, é filha única e necessita interagir e tagarelar e trocar; a novidade proporcionou aos pais uma preocupação a mais, mas viu a filha levantar mais cedo, tomar café e sentir necessidade de lanchar no meio da manhã; deu a chance a eles de conversar sobre comportamento ético, sobre os perigos da internet, sobre delicadeza e respeito; constatou-se mais prontidão para os estudos; viu-se que a pouca habilidade para teclar- com um só dedo - deu lugar a uma agilidade muito maior e com o uso de mais dedos, capacitando-a para outras tarefas.

Diante das ofertas que a tecnologia traz, cabe aos pais, não rechaçá-las, mas tomar as providências de segurança de que os filhos necessitam. Deixar crianças soltas diante do computador é como abandoná-las na rua à noite. A internet é lugar público e exige cuidados e um comportamento adequado, sem dar lugar à exposição exagerada, nem chance de que a inocência seja violada. Atenção e cuidado são pressupostos para quem cuida de crianças e amor e proteção são direitos inalienáveis de todas elas.

À sombra do poeta

Miguel Guggiana

Passeando no livro de poemas Fugaz Idade, detive-me em um deles, especialmente "Mulher só", que fala de uma, na mesa de um bar, em um shopping. Determinei-me a interferir no seu destino, com a cumplicidade do autor, buscando como caminho para isso sua própria obra. Encontrei-o na riqueza de seus poemas, escritos em épocas distintas, e certamente, em fases de diferentes inspirações, que traduzi em uma crônica, "colando", simplesmente, alguns em sua totalidade, outros, em fragmentos. O poema que finaliza "Começos", não define o desfecho, sutilmente, coloca ao arbítrio de cada leitor o enfoque que queiram dar; "bonito, doloroso ou indiferente". Decida!

Fim de tarde horrível, contudo conseguira chegar são e salvo. Mau tempo e trânsito infernais. Agora, devidamente instalado, olhava pela janela a Avenida Sete. Com o tempo assim sentia-se melancólico. Evocava o poeta: "A chuva é triste como minha alma; chora por dentro. Cai como uma prece no coração de Deus que se esquece dos pedidos que lhe fiz". Lamentava a solidão: "Todos os telefones para os quais liguei estavam ocupados, usuários não encontrados, meus amigos tinham outros compromissos. Todos os telefones para os quais liguei não me deram a resposta que eu esperava - Ok, vamos tomar aquele chope! É sexta-feira. A semana acabou. Sobrevivi! E não há ninguém com quem eu possa dividir esse momento. Mulher e filhos não contam. Eles são suspeitos; vivem de mim. Os amigos ou a amante que eu queria não existem, estão ocupados ou simplesmente não foram encontrados. Sexta-feira, embriagar-se às vezes é inevitável".

Sorumbático, pensava: "Já não estou mais acostumado como antes a andar sozinho. Já não tenho - como antes - os sonhos que me serviam de companhia." E de novo lhe ocorria: "Quando eu tinha todo tempo do mundo a meu favor podia fazer com ele o que bem entendesse. Hoje quando o tempo escasseia para mim já não posso dar-me ao sabor de fazer com ele o que bem entender. Vai me faltar se dele abusar, e a vida escorrerá por minhas mãos. Já não posso dar vazão a toda sorte de experimentação. Cabe-me ser preciso, objetivo e assertivo nos meus propósitos de ser. De outra sorte hei de morrer antes de viver - antes de ter vivido."

Foi quando a viu, solitária, destacando-se na balbúrdia. Quem sabe Deus não o havia esquecido?! Atenderia seu pedido?! Não seria ela o motivo para deixar de andar sozinho? Um sonho vivo a lhe fazer companhia, nesta sexta-feira. Redenção das suas vicissitudes.

"Mulher só na mesa do bar - na verdade não na de um bar, mas na desse fenômeno moderno chamado shopping, praça de alimentação. Então, mulher só na mesa de um lugar público, não tens do que te constranger. Relaxe e aproveite a solidão, o chá, o café, o chope, seja o que pediste. Faz parte de nossa condição de homens e mulheres estar sós às vezes na mesa de um bar, shopping, praça de alimentação. Nenhum homem a quer? Ninguém está pensando nisso. Não tem amigos? Há homens que também não os têm. Tem medo dos inconvenientes? Não existem mais homens tão ousados. Mulher só na mesa de bar - vou chamar assim, soa melhor -, não tens do que te envergonhar".

Arriscaria ele ser um desses inconvenientes?

Cometeria a loucura, antes que outro louco? O outro que outras loucuras podiam?

Levantou-se da mesa, se encheu de coragem e pensou: "Não tenho mais medo; 40 anos não são como 20. E embora tenha perdido um tanto/muito da vida nisso nunca é tarde para descobrir; é possível ser feliz."

Não perderia mais tempo. Aproximou-se da moça gentil que lhe... "sorriu, sorriu, sorriu/como um rio, um rio, um rio, um rio que

corre pro mar, o mar, o mar, o mar. Para amar, amar, amar, amar. Foi o que sentiu, sentiu, sentiu, sentiu..."

- Tá esperando alguém?

- Não.

- Senta aqui, tomar uma cerveja comigo.

- É que eu já tô de saída.

- Não tem problema. Quando for pra tu sair, tu sairá igual.

E assim começa a conversa que pode ser o início de uma nova história de amor, entre um homem e uma mulher. Uma história que pode ter um desfecho bonito, doloroso ou indiferente, ou se estender ao infinito, através das gerações que vão surgir.

Era uma vez uma casa

Ana Paula Nonnenmacher

"Fumei toda ela. O que restou, não é mais de ninguém. Ela é um vazio cheio de lembranças amargas"

A casa, que ficava no alto, fazia com que chamasse mais a atenção das pessoas. Era uma casa de madeira, de dois andares, que já não estava em bom estado, mas eu gostava dela. Tinha nascido e crescido ali. Era conhecido por todos os vizinhos e pelas pessoas que por lá passavam. Meu lar, doce lar, não era doce. Era feito de fel amargo. De lá, se geravam todos os tipos de comentários, dos mais absurdos que se pode imaginar.

Claro que, com o passar dos anos, os proprietários não eram mais os mesmos, ou seja, eu e minha avó. Restava somente eu. Minha coroa não suportou me ver se destruindo, dia após dia, no vício. Então, ela abandonou a casa e eu fiquei morando sozinho.

Isso não durou muito. Minha casa passou a ser frequentada por muitos usuários da cidade, era o ponto de encontro de quem fumava crack. Eu não fazia restrições ao grande público, tendo droga para dividir comigo, bastava. Isso era a porta de entrada para quem quisesse. Foi assim que a minha residência virou alvo de fofocas e intrigas, porque era o local de quem não podia fumar a droga em casa, fumar sem se preocupar, ou seja, um fumódromo. No interior da casa, restou muito pouco: somente objetos que não valiam uma pedra. O que tinha de útil, eu fumava. Na sala eu tinha um sofá e uma mesa em estado precário, mas que, ainda me serviam e servia, também, para os que estavam comigo.

Quem morava lá? Eu e mais seis homens, todos os usuários de crack. Esse número variava, às vezes, tinha mais ou menos pessoas. Era que nem coração de mãe, sempre tinha lugar para mais um. Pessoas de diferentes classes sociais que, aos poucos, foram dividindo o mesmo espaço e a mesma droga. Era o que nos unia. Nossa convivência não era de amizade, mas de troca: eu dava um teto a eles e eles tinham que correr para trazer a droga.

Essa semana, minha casa desabou e nos deixou sem-teto. Os camaradas, que moravam comigo, estavam cuidando os carros quando os tiras passaram e os avisaram que, à noite, iriam bater lá em casa. Isso ocorreu. Eu não estava em casa quando a polícia de choque invadiu, surrou quem estava lá, arrancou a porta e a levou embora. O motivo pelo qual minha casa desabou não foi apenas um, mas posso resumir dizendo que aonde existe crack, tem tumulto e muita galera, o que chama a atenção dos vizinhos. As pessoas denunciaram porque, muitas vezes, aconteceu de roubarem alguém por ali e correrem lá em casa. Sempre tinha brigas e discussões. Nesse meio, não tem amizade. Então, sempre tinha um que queria passar a perna no outro, quando estávamos fumando. Tudo isso gera intrigas e barulho.

Na minha casa sempre tinha muita droga. O que me indignou é que a polícia entrou lá sem mandado judicial. Por outro lado foi bom, porque a qualquer momento alguém podia morrer ali dentro, até eu. De repente, eu mesmo mataria alguém. Depois que a polícia bateu, eu e meu primo terminamos por destruir a casa, para que desse um fim em tudo aquilo.

Tirei vários usuários das ruas. Por mais que eu não tivesse muito para oferecer, pelo menos não pegávamos chuva e nem passávamos frio. A galera também me salvou de algumas paradas ruins. Uma noite, tentaram colocar fogo lá em casa. Eu estava dormindo e não iria ver nada. Se não fossem os camaradas, eu tinha morrido queimado. Tentativa de homicídio. Não sei quem foi e nem o motivo, mas esse não faltava... A polícia alegou que levou a porta, porque houve um assalto na Avenida e quem roubou entrou correndo lá em casa. Não sei se isso aconteceu, porque eu não estava lá para saber.

D.I. tem dezenove anos e é garçom. Frequentou a escola até a 4ª série do ensino fundamental. Fuma crack há sete anos passou por doze internações de reabilitação.

Noite caudalosa

Helena Rotta de Camargo

As lágrimas começaram num pequeno córrego, com medo de aparecer à luz dos holofotes. Ninguém sobe ao pedestal para chorar, da mesma forma que não se oculta no porão o riso franco e jubiloso.

Mas a proposta de hoje é escrever sobre o choro, aquele que rasga a alma de tristeza, deixa em tiras os sentimentos mais íntimos e ainda esgarça a dor para torná-la mais andrajosa que a camisa de um andarilho.

Pois o córrego foi virando torrente... Tomou volume... Embarrigou-se de muita água, que já não era mais translúcida como na nascente. A passagem pelos degraus do apocalipse, com seus dejetos acumulados, tornou turvas as gotas e enlameadas as margens.

Elas corriam, as lágrimas, cada vez mais amargas e carnudas. E, desconsoladas, jogavam-se contra pedras e galhos, dilacerando-se, como faziam as carpideiras profissionais.

Sua densidade acentuava-se a cada passo. Golfadas mais salobras. Respingos mais gélidos. Parecia que uma mão invisível sobrepairava a cena, despejando o sal da amargura, dando tempero à crueldade da dor.

Neste momento, o arroio já amadurecera. Tornou-se uma espécie de filão, espesso e viscoso, quase imbecil. Impossível detê-lo. Amansá-lo. Convencê-lo a manter a serenidade.

Que noite mais impetuosa! De gente empurrando mesas, atropelando-se nas escadarias, gritando de desespero...

Sem luz e sem rumo, me vi no foco da multidão. Sobressaltada. O pavor engasgando... A correnteza me carregando...

Os pensamentos, como corujas agourentas, sobrevoavam minha perplexidade.

Um estampido? Foi um estampido o que ouvi? Não, não foi um. Foram três. Inesperados. Roucos. Ameaçadores. Botando sangue, gemidos, pânico.

Já se tornara uma onda líquida, agora, o meu riacho. Águas revoltas. Disparando sem freio. Sem diques nem comportas capazes de fechá-lo. Tudo descia de roldão: emoções, sonhos, projetos, esperanças... Uma turbina espantosa os triturava, remoía, naquela sinistra ciranda da morte...

Encharcado pela avalanche, o contido soluço inicial virou um turbilhão que nenhuma represa conseguia deter. E eu ali, na engrenagem mórbida do entrevero, compelida por incertezas e presságios, desdobrando meu lencinho azul, na desesperada tentativa de consolar o infortúnio, de recolher o pranto...

Nessa hora, vi meu coração, marisco solitário, submergir no caudal traiçoeiro da noite. Ele, que sempre fora lépido e vigoroso, afogou-se na enxurrada das lágrimas, desaparecendo na escuridão da tormenta...

De tão implacáveis, os látigos da tragédia o condenaram, como um filho leproso e enjeitado, a beber o fel do ostracismo. Órfão de amigos e carente de lar...

Fila sem fim

Júlio Perez

Começou a atender a fila, cheio de certeza de que a acabaria, próprio de todos os começos quando tudo anda bem. Mas as horas passaram, passaram os dias e a fila interminável não tinha fim. Chegou mesmo a supor ter visto passar por si as mesmas pessoas: uma fila em círculo, pensou. O inferno dos atendentes.

A princípio relutou em crer, mas depois de meses e do primeiro ano, convenceu-se de uma vez que aquela fila não tinha mesmo fim. Era inútil a pressa, era inútil se esforçar: a fila não acabaria nunca e ele precisava achar seu ritmo como um mar definitivamente contido em seus limites. Era preciso adquirir aquela profundidade de som cavo que vem das profundezas e que só o mar sabe ter quando bate nas rochas. E anos e milhares de anos foram necessários para ele adquirir essa sabedoria e profundidade, escavando as suas margens, esmigalhando-as em pó, como agora o atendente tinha que fazer consigo: explorar sua própria profundidade, descobrir em si o mistério das metamorfoses diante da fila sem fim - suas margens imaginárias.

Outrora ele pensou que ela tivesse um termo. Apressou-se em atender a todos o mais rápido que pode. Esfalfou-se e noutro dia estava ela lá, inteira de novo, incólume a lhe desafiar. Tinha que fazer um novo esforço para acabar de uma vez. Mas depois que aquilo se revelou inútil, como o oceano, ele começou a marulhar baixo, explorar suas próprias profundidades e a ter calma diante do inevitável.

Patacoadas gauchescas

Odilon Garcez Ayres

Parece que foi Goebels, um nazista famoso quem deu azo a essa prática, que foi a de tanto repetir uma mentira, a qual se transformou em verdade, tal qual, fez o Busch, apregoando que o Iraque tinha armas químicas, quando na verdade, não as possuía, como descaradamente, agora, o próprio se desmente.

Eu tinha um amigo, com o qual trabalhei alguns bons anos no gauchismo, que foi um dos pioneiros do rádio, a usar, dísticos chamativos, para cativar a atenção do público ouvinte.

Um dos mais famosos, dizia: Alô meu compadre Antão, lá do Campo do Meio, que a essa hora deve estar com as guampas enfiadas no rádio, vai aqui o meu abraço, e a música Cavalo Preto pra ti!

É óbvio que o compadre não poderia estar com as guampas enfiadas no rádio, pois além de não as tê-las, o adequado seria estar com as orelhas pregadas no aparelho, mas como orelha não é madeira para ser pregada, o certo seria encostada, e por aí vamos divagando para ilustrar esse enorme disparate, que se eternizou jargão muito usado até hoje nos meios radiofônicos.

Faz muitos anos que não vou mais a baile e/ou fandango de CTG, pois já me dizem de cara, que além dum conjunto macanudo que lá vai tocar, o dito será de "cola atada".

Quando eu era solteiro, até que poderia topar essa parada, pois era só me pilchar, de bota e lenço no pescoço, e me ir pro fandango, mas o brabo seria me apresentar nesses trajes, literalmente pelado, no meio dos peões e prendas e sujeito a voltar pitoco, depois duma camaçada de laço.

Para quem é obrigado a usar termos gauchescos do quilate desse disparate, sugiro, não vou transcrever o que está escrito na página 157, do livro Danças e andanças da tradição gaúcha, de Barbosa Lessa e

Paixão Côrtes, Editora Garatuja, 1975 - Porto Alegre, página que inclusive, justifica, porque denominei o Galpão Bragado do Rodeio Internacional, assim definindo o tal "Baile de Cola Atada":

Não sabemos de outra região onde o erotismo tenha se manifestado com as características seguintes: no clímax da farra, nos bordéis da região fronteira, em princípios do século, as prostitutas erguiam a parte traseira de suas longas saias, e davam um nó acima da cintura, para animar o "bochincho". Os homens, por sua vez, atavam a camisa às costas. Como, frequentemente, essas mulheres não usavam "roupa de baixo", pode-se imaginar o grotesco da manifestação de sensualidade cabocla. Os homens, por sua vez, dançavam apenas com a camisa atada, e de botas! Na denominação, há analogia com os cavalos a que se dá um nó na cauda para a participação de festas.

Nos sábados, só fico bispando as perguntas que são feitas, para testar se sei ou não a resposta da charada, sem concorrer a premiação alguma, e para aprender, pois o rádio, assim como o jornal, a revista e a televisão, além de formadores de opinião, são transmissores de conhecimento, portanto, no primeiro e neste último caso, se a informação não é correta, está prestando um desserviço à cultura gaúcha.

Quando o apresentador disse: Hoje, 13.12.2008, quem respondeu corretamente que no linguajar gaúcho, Uruguay, significa "rio dos pássaros coloridos", pode vir buscar a sua premiação: minha cuia rachou, a bomba ficou desbeijada, e o pelego do meu vizinho que também estava ouvindo o programa, ficou ouriçado, e de branco, ficou guariba.

Se ele tivesse dito, talvez, que Uruguay significa o rio dos Urús, até que eu relevaria, mas a que foi dada, embora não seja extravagante, e até tenha certa dose de verdade, não é a mais aceita de um modo geral.

Revendendo meus alfarrábios, para não cometer injustiça, em 1619, o Padre Roque Gonzales, a mando do Governador do Prata, Dom Diogo de Gongora, iria percorrer cento e cinquenta léguas do rio Uruguay, mas foi demovido pelos guaranis, então, narra Southey, através de

Teschauer, que neste rio "as conchas são tantas que não se sabe, se é a elas ou aos papagaios que o rio deve o nome".

Quanto ao seu mapeamento, no primeiro, ao poente se vê um rio Ybieniti que desemboca no rio Uruay. O segundo mapa dos jesuítas, é de 1722, do Padre Geral Michelangelo Tamburini, onde aparece a exploração do alto-Uruguay, com seus afluentes da esquerda, O Uruguay-mirim, o Uruguay-pitã e o grande Salto, cujo aparecimento pela primeira vez, foi decisivo na questão de limites com a Argentina.

Agora, Uruguay, é de indiscutível filiação guarani, mas, como ocorre com outros similares, tem diversos significados e variações, como: Uruay, Huruai, Oroy, Urualt. Uruguay é a forma mais recente, pois data do ano de 1700. Rio dos Caracóis; de "uruguá", caracol, de água, gênero Ampullaria, e "I", água. Mais provável: de "Uru", uma ave, espécie de galinha selvagem, *Odonthoporuscapueira*; "guá", procedência, lugar, e "I", água: rio da região dos Urus, ou ainda, o de Irugual, "rio do canal" (Batista Caetano), conforme NE'ENGUERIRÚ, CARAINÉ'E - AVANE'E (Dicionário Espanhol - Guarani), de Jover Peralta e T. Osuna - Assunción - Liticolor - 1984.

Para terminar a pendenga, a palavra Paraguay, é que está reservada para o rio dos Papagaios, entre outras traduções.

Dito o que há muito tempo gostaria de ter dito, não deixo o dito pelo não dito, para depois não dizerem que eu não disse, o que eu gostaria de ter dito.

A comida na roça

Alberto Antônio Rebonatto

A tão decantada e sofisticada culinária italiana não se fazia presente nas mesas dos colonos. A base da alimentação era mesmo a polenta, que era feita em uma panela de ferro de expressivo tamanho, arredondada, sem tampa, que se encaixava perfeitamente no vão formado pela retirada dos diversos aros que fechavam a chapa do fogão à lenha, deixando a panela em contato direto com o fogo. Era chamada de caldiera ou pignatta. Depois de colocados sal e gordura, quando a água fervia, deixava-se escorregar, lentamente, entre os dedos da mão esquerda a farinha de milho, enquanto com a mão direita a mistura era mexida, ininterruptamente, com uma espécie de espátula grande, de madeira, alargada nas pontas, a mescola. Uma boa polenta demandava mais de hora de cozimento e de movimentação ininterrupta da mescola, imprescindível para evitar que a farinha de milho embolasse e para que a polenta não grudasse no fundo da panela. O par de mãos mais ágil que conheci na vida foi o da minha mãe. Era uma mestra em fazer polenta.

O milho e o trigo, depois de debulhados eram ensacados e levados aos moinhos coloniais, para a moagem. Os moinhos eram rudimentares, movidos a água, mas muito eficientes. Semana sim, semana não, de manhã bem cedo, um menino montava o cavalo mais manso da propriedade e se dirigia rumo ao moinho, levando trigo ou milho para a moagem. O encargo recaía sempre sobre o menino que era menos útil nas lides domésticas ou agrícolas. O retorno ocorria por volta da meia-tarde, mas havia oportunidades em que só acontecia no final do dia, dependendo da afluência de clientes. Os moinhos possuíam apenas duas mós: uma para a moagem do trigo e outra para o milho. O primeiro moinho que serviu nossa família foi o do Schio, localizado não muito distante da cidade de Sarandi. Mais tarde, passou-se a frequentar o moinho dos irmãos Josué e Daniel Dassi, mais próximo, localizado junto ao Rio Bonito, no lugar denominado Águas do Angico, totalmente movido à água. O custo da moagem era pago em dinheiro ou com um

percentual da farinha. Além desta, o farelo decorrente da moagem era levado para casa para enriquecer a alimentação dos animais. O moinho dos Dassi teve vários proprietários ao longo dos anos, entre eles, o senhor Fioravásio Dassi, que é avô da estrela da Rede Globo, Cecília Dassi, de desempenho marcante em diversas novelas. Hoje o moinho está desativado. A senhora Albina Dassi, viúva de Daniel, ainda vive e reside em Sarandi. Como curiosidade, podemos acrescentar que o senhor Daniel, antes de adquirir o moinho, era ferreiro e um dos tantos artesãos que fabricavam manualmente, nas suas ferrarias, utensílios agrícolas, como enxadas, foices, machados, facões, arados e similares.

A vida na roça era dura. De manhã, antes de clarear totalmente o dia, nosso pai, nosso irmão José e algum diarista ou empregado eventualmente trabalhando na propriedade, partiam para as lides da roça; a mãe e os filhos menores permaneciam em casa para tratar da criação, ordenhar as vacas e encaminhar os demais serviços domésticos. Trabalho concluído, alguém, geralmente o maior dos meninos, partia para a roça levando o café da manhã, a colazione, aos que tinham saído de madrugada. De um modo geral, o café da manhã consistia em um ou dois litros de chá de mate com leite, alguns ovos fritos ou salame, queijo e polenta brustolada (era a polenta cortada em fatias e aquecida na chapa do fogão à lenha).

O café era muito raro, servido só em ocasiões especiais. Por ser um produto nobre e caro, era servido puro, sem a adição do leite. O pão fazia-se aos sábados, de farinha de trigo pura ou misturada à farinha de milho. A massa, depois de preparada e sovada, era colocada sobre uma folha larga que conhecíamos como "folha de caeté", uma espécie de gengibre que emprestava um sabor especial ao pão. Quando não havia "caeté" a massa era posta sobre folhas de palha de milho, abertas. Com uma espécie de pá de madeira de cabo longo, levava-se o pão ao forno de barro, previamente aquecido. Uma portinhola fechava o forno. O pão era assado pelo calor remanescente, após a queima da lenha, complementado com algumas brasas deixadas propositalmente no interior do forno. Quando o calor era excessivo, abria-se a pequena janela existente na parte posterior, para a temperatura voltar ao ponto

desejado. Atingida a temperatura ideal, a janelinha era novamente fechada com um tijolo adaptado ao tamanho do buraco.

Ao meio-dia a refeição era com toda a família. Consistia, geralmente, em polenta recém-feita, com queijo, ovos fritos ou salame e carne ao molho, de porco ou de galinha. Raramente servia-se carne de gado. Só existia banha de porco. Quando não era servida polenta, costumava-se fazer massa, a pastasciutta. A salada era pouca: algum radichipissacan, pepinos, cebolas e vagem de feijão. Até hoje, com cem anos, nosso pai Antônio prefere esse tipo de comida às mais leves recomendadas por médicos e nutricionistas. Entre as crianças era muito disputada a casca que se formava no fundo da panela de ferro onde era cozida a polenta. A casca, misturada ao leite, transformava-se num prato apreciado pela meninada.

À noite, no inverno, costumava-se fazer a minestrone, que nada mais era do que uma sopa de massa misturada com feijão e alguns pedaços de carne de porco defumada, que se comia com pão. O arroz não era muito utilizado. Bolachas, cucas, bolos e tortas, só em festividades ou ocasiões especiais. Todo o tipo de massa era feito e sovado à mão. Não existiam máquinas apropriadas ou massas prontas. Usava-se mais nata do que manteiga. Mel, nata e doces derivados de frutas, acompanhavam o pão. As refeições eram complementadas com ovos, queijo e salame.

Eles existem!

Bruno Quevedo

Na vida encontramos pessoas engraçadas, feias, pobres, inteligentes, lindas, magras, histéricas, loiras, morenas, ruivas, altas, baixas, com ou sem piercing, que gostam de música sertaneja, que adoram coco e odeiam musse de maracujá. Têm pessoas pra todos os gostos: para os alienados, sardentos, briguentos, e até para aqueles que acham que o amor não existe. Pessoas que chegam, fazem e acontecem, são ou não criticadas por isso, mas que quando vão embora, percebemos que deixam marcas profundas em nossa carcaça interna.

Eu conheci pessoas assim! Alines, Eduardos, Jéssicas, Gislaines, Rodrigues, Marias Angelas, Micheles... São tantos e tantas! Certo, mas afinal, aonde esse projeto de cronista quer chegar? Aqui na universidade, mais exatamente na UPF. Na FAC, no IFCH, na FAMV, na FAED, no ICEG, na FEFF, na FEAR, na FD, na FM, FO, no ICB, na esquina do RU, no pórtico de entrada, no centro de Passo Fundo, ou no quintal lá de casa, perto da casinha do Rodolfo (meu cachorro adotado). Nesses lugares, e em todo o lugar, surpresa! Têm pessoas. Essas que eu citei antes. Que fazem como diz aquela frase rodada, mas que é tão verdadeira quanto ao aquecimento global: "de pequenos instantes, grandes momentos". Essas mesmas. Uma vez por semana eu e meus colegas da FAC, da UPF e de todos vocês, teríamos uma sessão de tortura: aula no sábado de manhã. Só não é um martírio porque, aqui na faculdade encontrei uma dessas pessoas que mostram pra que vieram ao mundo. E pasmem: ela é uma professora! Magnífica, estrondosa, espalhafatosa, engraçada e autêntica em seu jeito, ela conquista a tudo e a todos. Até cafezinho com bolachas ela leva na aula! É ou não um anjo? Mas não é por isso que ela se destaca. O respeito, a educação, o senso, a gentileza, a elegância e a experiência que emana da sua presença é o que chama a atenção! Quantos e quantas assim nós conhecemos e deixamos passar? Eu não sou famoso, mas de vez em quando passam na rua e me cumprimentam! Oi... E me chamam pelo meu nome! Eu respondo claro,

sou educado! Mas percebam que, ao fazer isso, elas não se dão por conta de que estão sendo únicas! Tem muita gente que se vê todo dia e nem se dá um oi...

Valorizar quem está ao nosso lado. Esse é o caminho para o céu e não recebi essa informação de Deus, foi da vida mesmo. Aqui na universidade, pessoas é o que não faltam! Vamos nos reunir no DCE qualquer dia e sair à procura? Garanto que acho uns dez em cada esquina! Eu tenho faro! É que meu nariz é grande? Até que é! Mas não é por isso, é que na maioria das vezes não prestamos atenção naquele mais quieto da turma, na mais Emo ou no mais cabeludo! Quase todo dia jogamos pessoas no lixo pelo motivo mais bobo, mas não paramos para pensar "ele tem razão", normal, já que ninguém gosta de ser contrariado.

Professora ou não, gay, padre, pobre, negro, rico, retardado, safada, loira, moreno, oriental, não importa! Somos todos iguais: humanos! Uns mais marcantes que outros. Verdade. Alguns, com um pé no mundo da lua ou aqui na UPF mesmo! Mas atenção: aqui ou ali, eles existem! É só procurar ou nem precisa: olhem para o lado!

Os chineses da rua Bento Gonçalves

Marco Antonio Damian

Na década de 1960 passei de criança a adolescente. É um período da vida em que descobrimos muitas coisas e formamos amizades sinceras, sem nenhum interesse escuso. Eu morava na Rua Bento Gonçalves, quase esquina com a Rua Paissandu. Logo acima na nossa casa, dois pequenos prédios de apartamentos. Um com a frente para a Bento Gonçalves e o outro com a entrada pela Paissandu. Ambos construídos pela família De Cesaro.

Nessa época (década de 1960) algumas famílias de chineses foram residir nesses prédios. O primeiro a chegar foi o senhor Liu Yen Sun com a esposa e uma empregada, chamada A-Kuy, que carinhosamente apelidamos de "cuia" ou "pezinho". Pezinho, pois as chinesas antigas amarravam seus pés para eles não crescerem. Ficavam pequenos e atrofiados. E, a coitada realmente tinha pequenos pezinhos. A esposa do senhor Liu era conhecida apenas por senhora Liu. Austera, não falava uma única palavra em português, e parece que nem tentava aprender. Já o senhor Liu e "Cuia", eram afáveis e tentavam se comunicar e interagir com os vizinhos.

Seu Liu, que nós o chamávamos de "Olhú" era um senhor gordo, possante, mas elegante. Era lavoureiro e trouxera o cultivo de soja para nossa região. Meu tio Rubens era seu guarda-livros e por esta razão tínhamos alguma intimidade com eles. Seu Liu era rico e saía de casa num Jipe, com motorista particular. Esse Jipe ficava na frente do prédio e a gurizada entrava nele para brincar de dirigir. Certa feita eu mexi no câmbio e o Jipe se mexeu. Não tivesse ele encostado ao meio-fio e um possível acidente aconteceria.

Seu apartamento normalmente ficava com as janelas fechadas e os chineses lá no escuro. Lembro que nós pedíamos o telefone emprestado para pedir música no programa Dance Telefonando, do Dino Rosa, na Rádio Municipal. Eles nunca negaram o pedido de usar o

telefone. A esposa do Seu Liu estava sempre deitada fumando naqueles narguilés. Também jogavam Mahjong, e entre eles falavam e riam muito. Eram pessoas da melhor espécie.

Seu Liu faleceu nos anos de 1980, mas não residia mais naquele prédio. Depois soube que ele havia sido Ministro das Finanças da China, antes do advento do comunismo, quando deixou o País. Tinha filhos morando nos Estados Unidos, um deles, engenheiro da Nasa.

Com seu Liu vieram outros chineses para trabalhar com ele. Um deles ficou pouco tempo, morando na Bento, antes de se mudar para São Paulo, mas guardo na lembrança um fato. Não lembro o nome do chinês, mas sua esposa, que era muito bonita, se chamava Dona Vivian. Ela aportuguesou seu nome para facilitar sua comunicação com os brasileiros. O casal tinha alguns filhos e uma delas a chamava de Fifi. Fifi, fez um ano e nós da vizinhança fomos convidados para a festa. Existe na casa de minha irmã, uma foto dos convidados, do bolo, da decoração e, evidentemente da Fifi. Dona Vivian estava acima de seu tempo. Dirigia um Renault Gordini azul claro, quando raramente via-se alguma mulher dirigindo automóvel em Passo Fundo.

Essa família foi embora e veio residir no apartamento Joseph Jin Shiou Pan e a Dona Catarina. Nessa época tinham três filhos. Xen-xen, Can-can e Tu-tu. Eram pequenos, tinham pouca diferença de idade entre eles. Pan permaneceu várias décadas em Passo Fundo, e reconhecido como grande empresário.

Mas, foi no outro prédio, aquele com a frente para à Paissandu que morou a família Sun, cujo patriarca era sobrinho de seu Liu Yen Sun. O casal tinha cinco filhos. Dois meninos e três meninas. Conheci o senhor Sun (assim nós o chamávamos) tinha estatura média, era muito magro e fumava demais. Sua esposa, chamada Dona Helena, era extremamente bondosa com os amigos e amigas de seus filhos e filhas.

Todos os filhos ganharam "apelidos" em português. Eram chamados de Alberto, Betina, Cristina, Diana e Edson. As cinco primeiras letras do alfabeto. Betina, Cristina e Diana eram amigas da minha irmã Juliana. Cristina e Betina estudaram com Juliana no Colégio NotreDame. Alberto era extremamente tímido. Muito magro, como seu pai. Seus

irmãos o chamavam de "Modô", acho que era um apelido carinhoso. Edson foi meu amigo, aliás, um grande amigo. Brincávamos com o restante da gurizada da rua, ali pela frente do prédio onde ele morava, jogávamos bola na rua e num terreno baldio ao lado da Igreja Luterana. Dona Helena invariavelmente, quando queria que Edson voltasse para casa, chegava à sacada do apartamento e gritava "Edsoaaaaa". Edson imediatamente deixava as brincadeiras e retornava obediente, à sua casa. Mas, ganhou da piaçada o apelido de "Soá".

A família Sun residiu na Paissandu, seguramente uns 10 anos, e, uma lembrança triste foi o falecimento do senhor Sun. Velado no apartamento onde morava, a família acendeu uma pequena fogueira junto ao meio-fio da calçada, onde os chineses passavam por cima para purificarem-se, antes de adentrar ao velório. A segunda tristeza foi quando eles foram embora para São Paulo. Nunca mais vi Dona Helena, o Modô, com quem jogávamos botão, meu amigo Edson-Soá, e Betina e Diana. Cristina veio algumas vezes a Passo Fundo e procurou minha irmã. Era uma moça muito bonita.

Eles chegaram para colaborar com o progresso de Passo Fundo, especialmente com o desenvolvimento agrícola. Foram embora e deixaram saudades.

Hora do silêncio

Dinair Fernandes Pires

Por uns bons anos estudei em colégio de freiras. Cheguei lá com quatro anos, o que considero um privilégio, pois naquela época pouquíssimas crianças iam para a escola com essa idade. Foi uma distinção por conta de minha madrinha, que era professora fiscal da escola e conseguiu uma bolsa de estudos para mim. Na sexta-feira voltávamos para casa com faixa de cetim (tipo as de rainha), com uma das três palavras: APLICAÇÃO - COMPORTAMENTO - HONRA, respectivamente, em azul, rosa e branco. Sonhava com a última, mas sempre me davam a primeira, porque meu comportamento era difícil: tinha medo das freiras e não queria ficar na escola. HONRA só recebia quem acumulava aplicação e comportamento.

O tempo passou e adquiri um amor muito grande, além de respeito, pelo ensino e pela rotina da Escola Santa Teresa de Jesus em Santana do Livramento. No ginásio, saia pregueada - em tecido xadrez marrom e branco a trinta centímetros do chão, conferidos sempre pela régua de uma "juvenista" sob o olhar fiscalizador de uma freira -, ao qual rapidamente desenrolávamos da cintura ao nos aproximar do portão de entrada. O look era completado por blusa branca, gravata, meias brancas e sapatos pretos lustrados.

Dentre tantas práticas que marcaram minha personalidade, hoje uma me veio à lembrança: HORA DO SILÊNCIO. Alunas sentadas após a reverência inicial ao professor, a freira em pé anunciava a hora do silêncio e tocava uma sineta tipo a que os juízes usam nos tribunais. Ninguém se mexia. Ouvia-se o barulho do voo de uma mosca, mas até elas pareciam obedecer. A paz era instalada, embora não entendêssemos a estratégia. Às vezes isso se repetia na volta do recreio. Apreciava a paz e a harmonia desses momentos, sem racionalidade. Era um estado de graça que eu era incapaz de mensurar na época, mas capaz de sentir com intensidade. Acho que algumas gotas desse bálsamo tocaram meu

coração ao sepultar meu pai sob o TOQUE DO SILÊNCIO, num clarim. A partir daí comecei a entender e me integrar aos MINUTOS DE SILÊNCIO que publicamente são feitos.

Em diversas situações e em diferentes épocas ouvi professores, rigidamente e com voz muito alta e firme, ordenando SILÊNCIO aos seus alunos. Outras vezes isso tinha o tom de súplica, mas era muito diferente dos "calem a boca" que também ouvi.

Há pouco tempo participei de uma meditação feita em silêncio por uma hora e soube que esta também é feita por uma semana. Enquanto muitos se surpreendiam, eu achava familiar e não questionava o tempo, só valorizava o estado mental, emocional e espiritual. Com a maturidade descobri que o silêncio também serve para aliviar mágoas, evitar atritos, amenizar conflitos, colocar palavras desnecessárias em segundo plano, evitar agressões e dar tempo aos fatos. Serve para processar os nossos erros e os dos outros, incorporar aprendizagens difíceis, doloridas e fortalecer a certeza de que "não controlamos nada - tudo acontece automaticamente".

Hoje, gratidão pela primeira lição.

Um minuto de angústia

Moacir Luís Araldi

Nestes dias em que a chuva teimosa umedece a rua, fico a observar as pessoas correndo, lamentando os pés e a roupa molhada, o atraso, a possível gripe.

O céu parece enraivecido, todo coberto e fantasiado de negro. Aqui debaixo o fitamos no desejo de ver o sol, todo poderoso, penetrar nele, rasgando a máscara e alegrando os seres terrenos.

Neste vago cotidiano, onde nós, frágeis humanos buscamos dia após dia, um lar, uma casa para morar, e ver na vidraça as gotas caindo e ficar ao redor do fogo aquecendo e alimentando a esperança, qualquer que seja contida em nosso interior.

Mas quando a água é demasiada, chega até nós um medo, um pavor, uma insegurança e, em nossos assombros vimos muros caindo, casas desabando, pessoas fugindo de barco, outras morrendo afogadas.

É tempo de cheias, de barro bastante, mas até mesmo nestas épocas há muitas pessoas completamente vazias. É bom, mesmo assim, sentir a emoção de ver uma criança pisar descalça no atolador da estrada, ver o velho evitar a rua. É agradável fechar a porta quando a noite chega e adormecer, ouvindo o ruído lacrimoso das goteiras. Há os que nem dormem preferem acalantar noite adentro, um sonho qualquer, mas que necessariamente não se pode dormir. Seria ótimo ter certeza que, com chuva ou sol, o dia seguinte fosse de igualdade, de justiça e de realizações.

Neste dia chuvoso me deparo acidentalmente com uma cena angustiante.

Eu ia para casa, de certa forma, realizado, porque chovia. Na calçada, vi em minha frente, um corpo adormecido, exalando um cheiro forte de álcool. Pensei no conforto, na alimentação, naquela sensação gostosa que sentimos quando acordamos de madrugada com frio e

reforçamos as cobertas. Pensei que ele era gente que vivia como bicho, lembrei dos muitos animais por nós alimentados e cuidados com tanto zelo, enquanto nas calçadas fétidas seres humanos são pisoteados e servem de alvos para gozações.

Naquele instante tive um ímpeto de pena, mas fui incapaz de fazer algo, me faltaram gestos e até as palavras.

À noite sonhei que junto à chuva havia uma suave melodia e todos compreendiam que os homens sobrevivem a tudo, exceto à solidão das noites e à consequente falta de afeto. No outro dia tudo continuou igual. Mas de sonhar ninguém por mais influente que seja, irá me proibir.

A camponesa

Régis Caanabarro

Num lugar distante entre o fundo de um bosque e um pântano estava minha aldeia.

Eram tempos difíceis na velha Europa, de caos e guerra e total anarquia política, bandos armados, exércitos desgarrados, bárbaros ou simplesmente ladrões infestavam os caminhos e povoados. Muitas cidades desapareceram nessa época, devoradas pela voracidade dos saques, matanças e incêndios. O povo fugiu para os bosques levando o que podia carregar e os velhos campos de cultivo foram abandonados e em breve a comida acabou aumentando a fúria dos soldados e saqueadores que começaram a procurar as casas isoladas do campo com seus celeiros.

Tínhamos mudado a aldeia para lá graças a esperteza e perspicácia de nosso padre, que após uma visita devastadora dos soldados reuniu os camponeses e organizou a fuga.

Ele recebera uma carta e após lê-la ficara pálido. Ali na frente dos camponeses ele leu alguns trechos para nós, todos analfabetos. Falava de sucessão ao trono, de mercenários, guerras e invasões. Ali decidimos que iríamos construir nossa aldeia num lugar protegido de todo aquele caos.

Não muito longe dali havia um lugar ideal, um fundo de bosque escondido e protegido pelo pântano.

A mudança foi feita com ordem e disciplina e em pouco tempo estávamos ali instalados, passaram os meses quentes sem que nada ocorresse e no primeiro inverno na nova aldeia tudo parecia em paz e tranquilidade. O Castelo do Senhor tinha sido abandonado, ele e seus homens tinham ido lutar em lugar distante e não voltaram.

Com a chegada da primavera tudo mudou, um bando armado assenhorou-se do castelo e ali acampou por muitas semanas. Ao ir embora o saquearam e incendiaram.

Um grupo de camponeses colhia feno na beira da estrada quando foi atacado por soldados e morto antes de conseguir fugir. As pessoas que estavam perto fugiram para o bosque. Agora toda a cautela era pouca, para buscar lenha ou procurar frutos no bosque devíamos sempre ter muito cuidado. Os bandos errantes que passavam pela estrada seguidamente. Um bando de soldados acampou na nossa antiga aldeia e instalou uma pequena forja, a lenha do bosque e a água do riacho ajudavam na fabricação de armas. Não tínhamos mais o livre acesso às terras, qualquer saída da aldeia era feita com cuidado e cautela. A comida começou a faltar, as condições de saúde pioraram e as crianças começaram a adoecer e morrer como moscas. Eu era uma jovem camponesa loira, que o sol e trabalho frequente tinham envelhecido. O cura da nossa aldeia era um filho de camponeses pobres que fora para um mosteiro e ali recebera uma boa educação, mas tinha ideias muito avançadas e perigosas e ao invés de ascender posições na igreja como seria normal para um homem de sua formação acabara ficando como pároco de uma aldeiazinha perdida no interior. Eu gostava muito de lidar com plantas, aprendera muito com minha mãe e outras mulheres idosas, a colher as ervas na hora adequada, a preparar as infusões contra febres e machucados, a fazer emplastros e tisanas. Era o mais próximo de um médico que aquela pobre gente podia dispor. Dividia com eles a pobreza e fazia o que podia para aliviar a situação. Um dia sai a busca de algumas ervas para combater a persistente diarreia que acometia as crianças e muitos adultos, fui adentrando o bosque e chegando cada vez mais perto do acampamento pois somente lá perto poderia encontrar o que buscava. Ao colher as ervas me distrai muito e não percebi a aproximação de soldados, eles correram para mim e eu fugi, corria mas sem largar o cesto pesado, cheio de plantas, tão necessárias. Não me dei conta que o peso de suas armas os retardaria ao correr no bosque. Corri em direção oposta a aldeia para que eles não a descobrissem. Meu capuz foi puxado com violência, pegaram meu braço e só não mataram-me por verem que eu era jovem, uma bela escrava. Mas apanhei vários socos no rosto e minha boca ficou cortada. Fui levada até o chefe do bando junto

com o meu cesto de plantas medicinais. O homem sujo e grosseiro gostou muito da presa, deduziu que eu entendia de plantas e após rir um pouco apertou minha boca com sua mão e me violentou, senti o cheiro de bebida, de suor e sujeira e ele ria. Jogada num canto como se fosse um trapo velho fiquei ali no chão de palha entre a dor e a vergonha.

Muito trabalho esperava-me, carregar lenha, acender o fogo e carregar água, isso durante o dia, a noite eu preparava as plantas e atendia aos doentes, Primeiro aos soldados e depois aos servos, um trabalho sem fim, que me consumia dia e noite. Um labor temperado pelo apetite lascivo do chefe de vez em quando, até que surgiram outras mocinhas mais jovens e bonitas e então fui deixada em paz. As forças pareciam me faltar e os dias se arrastavam cada vez mais pesados. O acampamento foi atacado por outro bando e um cavaleiro me deu uma espadada. Vejo-me flutuando num céu claro e uma cidade luminosa.

Papo de comadres

Ademar Medin

Das Vizinhas e Comadres Joana e Tereza.

Comadre Joana acorda bem cedo, toma café, organiza a casa e após, pega um cesto de roupas sujas e vai para o tanque a fim de lavar roupas.

Sua vizinha e comadre Tereza acorda tarde, mas já louca para semear uma intriga, abre a janela do quarto e não enxerga ninguém, então se dirige até a sala, também abre a janela, fica muito triste por não ver ninguém, então aflita vai até a cozinha, abre a porta e se depara com sua comadre Joana, já cedo no tanque, com um cesto de roupas sujas.

E sem hesitar muito, Tereza pergunta:

– Bom dia comadre Joana! Como está? Já cedo no tanque, com um cesto de roupa suja... Caiu da cama?!

E a comadre Joana atarefada fala baixinho: "Não está vendo sua enxerida?!" E diz:

– Bom dia comadre Tereza. Estou bem. Cedo no tanque porque eu tenho muita roupa suja para lavar, roupa suja se lava em casa, né comadre?

E a comadre Tereza desligada e venenosa pergunta:

– Comadre Joana, como está o marido?

E a comadre Joana resmunga baixinho "bisbilhoteira" e responde:

– Mas de que marido a comadre está falando? Do seu ou do meu?

Então a comadre Tereza fala:

– Do seu uai... Porque o meu dorme comigo toda noite.

Então a comadre Joana já irritada fala baixinho "Se o teu dorme contigo está tudo bem. Porque quer saber do meu? Por acaso não quer dormir com ele também?" E, logo diz:

- Comadre Tereza, o maridão está muito bem. Também pudera, é tratado a pão de ló em todos os sentidos... Como não estaria bem?!

E a comadre Tereza maliciosa querendo mostrar o veneno diz:

- Será que está bem mesmo comadre? ... Vejo ele tão distante, até parece que está com outra!

Aí então a comadre Joana suspira, enche o pulmão de ar, arremanga a blusa, vira na direção de Tereza, enxerga o seu veneno e aonde quer chegar, então irritada, mas com muita sabedoria diz:

- Não posso dar a resposta, se não entendi a pergunta. Será que ele está bem mesmo em que sentido? Vejo que ele está distante como, ou onde? Até parece que ele está em outra... Que outra?

Então a comadre Tereza maliciosa viu que conseguiu injetar o veneno da dúvida, na sua amiga e comadre Joana, se alegre e responde:

- Ah comadre... Se o maridão é tão bem tratado em todos os sentidos como a comadre mesmo fala, saberia as respostas! Do será que está bem, do distante e da outra...

Nessa hora a comadre Joana fecha os olhos, enche o pulmão de ar, suspira fundo de novo e pede ajuda aos céus, para não perder a paciência e só então responde com sabedoria (estilo Sabrina Sato):

- Ah, é verdade mesmo comadre Tereza... A comadre tem toda a razão, como eu fui esquecer. O maridão não está mesmo, está com trauma de cobra... Ele viajou para bem distante mesmo, para comprar um antídoto para combater a picada do animal peçonhento... E parece que a serpente vive em uma casa bem perto...

Então com sarcasmo pergunta:

- A senhora comadre Tereza, por acaso não sabe onde fica a casa da víbora?

Então a comadre Tereza enfurecida e desapontada visto que a sua malícia fora descoberta, recolhe a língua, guarda a glândula de veneno para uma próxima oportunidade e diz também com sarcasmo:

– Sei não comadre...

Então fecha a porta e se recolhe para o ninho, para a toca, para o esconderijo... Quero dizer, para sua casa.

Lembranças da minha infância

Jacqueline Chaves

Pretendo apresentar alguma memória sobre minha infância. Observando minha filha, com suas primas e amigas fazendo vídeos de seus materiais escolares, lembrei então da minha infância.

Na época de começarem as aulas, tudo era novidade. Tive uma infância muito pobre. Lembrei-me que às vezes era humilhada pelos colegas. No ano de 1977, quando comecei a estudar, era chamada de *pasta*, devido ao modo como carregávamos os cadernos.

Meu pai tinha um salário muito baixo e eu precisava de uma pasta. Minha mãe pegou uns saquinhos de leite, abriu, lavou e cortou todos do mesmo tamanho. Em sua velha máquina de costura, fez com eles uma sacolinha para que eu pudesse levar os cadernos. Pra mim ficou linda, e eu orgulhosa da minha mãe, exibia minha sacolinha feita de sacos de leite. Onde carregava meus primeiros cadernos.

É muito importante para qualquer pessoa lembrar fatos da época em que era criança. Podem ser os mais bizarros, porém o que interessa é que marcaram o passado.

As lembranças da infância são marcas que ficaram no esquecimento.

Desculpe o transtorno, preciso falar de mim

Daniele de Freitas dos Santos

Desde que me conheço por gente, nunca coube em um único estilo: fosse ele musical ou de vestuário. Durante muitos anos, só conheci o romantismo pelas cartas de amor que nunca recebi. Uma utopia. A rejeição a cada nova paixonite de escola, na virada do milênio, me fazia acreditar que o problema era comigo. Que eu era alta demais, magra demais, tímida demais, CDF demais. E tantos exageros faziam eu me sentir de menos.

Até que, uma década depois, em uma tarde de primavera qualquer, eu descobri que não eram os meninos do colégio que me tornavam a paráfrase do patinho feio. Era eu mesma. Consentir com o que eles pensavam sobre mim era assinar o atestado de óbito da minha autoestima. E o que eles pensavam sobre mim era problema deles, não meu. A ficha demorou a cair. Enfim, ela despencou em queda livre. Em frente ao espelho, enxerguei a única pessoa que não poderia, nunca, sob hipótese alguma, deixar de me amar: eu mesma. E aí, cara, foi amor à centésima trigésima quinta vista.

As redes sociais comprovaram a minha teoria. Uma vez, no tempo do finado Orkut, um ex-colega me enviou um depoimento, daqueles para não ser aceito. No texto, despido de qualquer pontuação ou acentuação gráfica, me convidou para sair no maior estilo "e aí, sumida?!". Sumida & hellip; logo eu que nunca fui notada por ele, exceto pelo dia em que minha cartinha de amor virou motivo de chacota para a ala masculina do fundão da sala. Recusei o convite. Aceitei o depoimento. Vingança pessoal saboreada a trinta graus negativos. Alma lavada.

Nem só de idas e vindas se fez a minha história. Já me apaixonei e fui correspondida. Aprendi a amar e amei para aprender. Aliás, as frustrações amorosas são as que nos deixam os maiores legados: descobrimos exatamente o que não esperar de uma relação. Cada "fracasso" é um passo em direção ao êxito. E ser bem sucedido no amor,

meu amigo, requer paciência. Muita paciência. Exige confiança no tempo. Acima de tudo, implica amor-próprio. Este é o grande segredo da felicidade: amar-se. Não se trata, aqui, de egoísmo. Longe disso! Até porque o egoísmo reside, justamente, no gesto de sobrecarregar o outro com a inteira responsabilidade por nos fazer feliz. Todo amor começa de dentro para fora.

Por isso, não lamento os amores que perdi ou que não conheci. Não sofro mais pelo que deixei de receber, pelas promessas não cumpridas, pelos erros do passado. Não choro pelas lágrimas já derramadas. Viver é uma constante reinvenção. Sou grata a cada experiência, decepcionante ou não, por me fazer ser quem eu sou hoje. Agradeço, principalmente, por ter aprendido que o relacionamento é uma soma, não o anulamento de um pelo outro. Aí está o primeiro mandamento do amor. E o segundo, e o terceiro, e o quarto, e o quinto, e o sexto, e o sétimo, e o oitavo, e o nono e o décimo. Quem se faz de metade nunca recebe o amor por inteiro.

Em todos os lugares

Aleixo da Rosa

Coisa de preto! Disse um senhor, sentado à mesa ao lado. Estava em uma formatura de pedagogia. Não esperava ouvir, pelo menos não naquele ambiente, um comentário racista. Quanta ingenuidade! Neste país, onde a maioria da população é negra ou mestiça, há, ironicamente, racismo em todos os lugares.

Os exemplos mais marcantes de discriminação eu os presenciei na escola, no início e em meados dos anos noventa. Ainda na primeira série, quando mal havia aprendido a ler e escrever, a sociedade fez questão de ensinar-me a classificar os outros por sua cor ou poder aquisitivo.

Eu tinha dois amigos: um era branco, o outro, negro. Criáramos, no recreio, uma brincadeira chamada "espiões". Ficávamos perto do portão de entrada dos alunos e, quando alguém passava na rua, corríamos nos esconder atrás do muro da escada.

O jogo era praticado apenas por nós três. Aos outros, era vedada a participação. Afinal, aquela brincadeira era "nossa", orgulhávamo-nos de tê-la inventado, quase sem querer.

Fomos felizes, por alguns meses.

Certo dia, meu amigo branco disse-me para não brincarmos mais com o outro garoto. Fiquei pasmo. Indaguei o motivo. A resposta foi direta: por que ele era negro.

Vi-me, assim, exortado a escolher entre duas amizades igualmente apazíveis. Apesar de ser uma criança, eu sentia o quanto aquilo era fútil.

Minha escolha, infelizmente, foi previsível: mantive a amizade com o garoto branco.

Aos poucos, fomos afastando nosso colega negro, deixando-o de lado. Ele notou nossa crescente indiferença e, com certeza, deve ter sofrido.

Percebo, hoje, ter pesado também o fato de ele ser o mais pobre de nós. Filho de diarista e de pai alcoólatra, seguidamente aparecia na aula com hematomas no rosto ou nos braços.

Outro caso marcante de racismo, vivido por mim, na escola, ocorreu com uma menina. Quarta série. A humilhação sofrida por ela, porém, vinha de anos anteriores, e continuou nos seguintes.

Era uma menininha tímida, da qual todos zombavam, por ser negra, por ser pobre.

Não que os demais alunos fossem ricos. Pelo contrário, eram todos filhos de operários. Mas neste mundo quem tem um pouco mais se acha no direito de zombar de quem tem um pouco menos.

É assim que aprendemos, não é?

Ela usava, muitas vezes, um vestidinho branco e uma fitinha nos cabelos. As roupas eram simples. Seu jeito de falar, humilde, olhando para o chão.

A turma tinha um apelido para ela, um dos mais cruéis já ouvidos e repetidos por mim: TIÇÃO DO INFERNNO!

Como cresce uma criança quando é chamada de "tição do inferno", dia após dia, ano após ano? E quando isso ocorre na escola, que deveria, supostamente, protegê-la? Como ela se sente ao perceber a indiferença dos adultos ao seu redor?

Crianças são espontaneamente cruéis. Têm, no entanto, a desculpa de serem crianças. Adultos não têm desculpa, têm culpa. Os professores consentiam com o racismo. Nunca tiveram sequer uma conversa focada sobre o problema, na tentativa de amenizar a vida daquela garotinha.

Certa manhã, alguém derrubou o estojo dela no chão. Lápis, canetas e borrachas espalharam-se pela sala. Abaixei-me, dizendo algo como "deixa que eu pego pra você". Minha intenção, na verdade, era

jogar alguns materiais para mais longe, apenas para zoar, em uma típica atitude idiota de quem "segue a multidão".

Ouvi, então, a voz da professora, a elogiar-me. Ela estava na sala! Eu não sabia. Ela tinha saído e eu não notara o seu retorno. Não tive outra opção, assim, a não ser ajuntar os materiais para minha colega.

A menina não percebeu minha intenção inicial, ficou profundamente tocada e disse-me obrigado, muitas vezes. Seus olhos encheram-se de lágrimas por causa daquele meu gesto, tão simples.

Senti-me a pior pessoa do mundo...

O remorso que senti por ela ter acreditado em mim, quando não havia intenção nenhuma de minha parte em fazer o bem, deu-me uma lição para a vida toda.

Não há mérito para a consciência quando se faz o bem se desejando fazer o mal.

Naquele dia, sem querer, eu comecei a aprender o que é ter ética.

Também aprendi que a multidão, comumente, está errada. É preciso tomar cuidado ao seguir a turba, ao fazer o comum simplesmente por que é comum.

E sim, racismo existe.

E muitas outras coisas, ainda piores.

Em todos os lugares.

Refletindo

José Carlos Ramos Berton

Como passar o tempo sem que se possa entediar com isso? Como devem ser atitudes de quem por ordem inerente à sua natureza, não aprendeu permanecer inerte? Calar-se sem esboçar sentimentos! Permanecer estagnado diante de batalhas travadas? Ainda que permaneça sobre propósitos alinhados como quem marcha, ainda que dentre eles sabe-se da ruptura de grupos e de fachadas sem comprometimento tampouco aliança! Essa é a referência que causa a diferença, é a fresta suficiente para que por ela brilhem luzes, e surjam alternativas. Ser de semelhança concreta, palpável, é aproximar-se cada vez mais do ideal. Romper de imediato com quaisquer que sejam as propostas indecorosas que poderiam levar-te ao descaminho, ao princípio do fim. Preservar valores nobres e intransferíveis com os quais dificilmente incorrerás a um retrocesso, em sendo assim a vitória será uma questão de tempo, uma consequência óbvia e bem-vinda com registro de toda honra e glória Senhor teu Deus! Com o que e como estar inserido em um tempo produtivo, repleto de conquistas é o que nos leva por vezes a nos questionar quanto à postura a ser tomada frente ao tempo. Permitir passar por ele, ou assistir sua passagem por nossa existência? Transformá-lo num aliado às nossas obras as quais farão parte de um legado tendo a nós como autores. No prazer de bem fazer. Da ética como hábito. Neste nível será praticamente impossível entediar-se! Pelo contrário, serás alvo de admiração e de críticas. Será tomado por "manipulador" aos olhos do que anseia por tua posição, sem que, no entanto, a ela esteja habilitado. Terás teu nome sob indagações quanto ao sucesso que incomoda parte de grupos desconexos, desprovidos sequer de algo próximo à sabedoria que adquiristes com humildade e dedicação. Enfrentarás conflitos oriundos de facções dispostas a macular tua imagem, sem ter porque, sem saber o porquê! Com isso saíras fortalecido em sua base. Conquistarás seguidores com os quais poderás contar naqueles momentos em que tomar a decisão

correta será decisão sua! Saberás discernir para que erros não tomem dimensões irreversíveis, mas que possam ajustarem-se a um quadro de melhora. Com tuas obras consagradas pela coragem e ousadia de quem aceitou aparas estarás credenciando-se mais e mais a compor o seletto grupo do "eis - me aqui " Consagração a quem permitiu moldar-se, dentro de um processo natural em uma escala óbvia, onde degrau por degrau fora testemunha do êxito pleno de quem nasceu para vencer!

O sofá trem

Alexandra Rauch

Em alguma manhã ensolarada, de alguma forma percebo que estou em Minas. Não sei como, pois nunca fui para lá nem ao menos uma placa escrito ser tal cidade/estado, ainda mais a data de tal dia, sei que é pela manhã porque o sol a pouco acabou de nascer, mesmo o dia estando um pouco nublado.

Fico travada na estrada de chão com meus olhos quase saindo fora, com toda certeza apavorada, perguntando a mim mesma: "Como vou voltar para minha cidade no Rio Grande do Sul?!" Muitas coisas loucas acontecem no decorrer dos meus anos de vida, porém este, com toda certeza se superou.

Em uma estrada de chão, como fosse na entrada da cidade, pergunto a uma mulher carregando um balde de água na cabeça juntamente com suas duas filhas, onde é a rodoviária ou o aeroporto, pois estou totalmente preocupada em como vou conseguir voltar para casa, sendo que meu dinheiro é pouco (não sei como, mas, sei que tenho dinheiro). Elas dizem para eu segui-las, estão logo em minha frente atravessando um lago com a água batendo nos joelhos e, logo disse: "Não vou atravessar por aqui não, muito obrigada!!". Ainda por cima, tiro uma foto delas no meio do lago com meu celular quase "aposentado".

Em apenas um piscar de olhos estou no banheiro com supostas gurias que são minhas amigas, ao menos acredito que sejam, porque nesta história maluca pode-se esperar por tudo não é mesmo? Fui parar na rodoviária de Minas, não sei como, mas lá estou novamente apavorada.

Logo digo um tchau as gurias. Como meu dinheiro é pouco, fico curiosa em saber o valor da passagem de avião, por ser mais rápida a volta para casa. Então preciso me deslocar para o aeroporto. Vejo um tipo de "trem" que segue direto da rodoviária para o aeroporto, é como

se fosse um brinquedo tornado do parque de diversões, só que em poltronas, melhor dizendo sofás azul marinho.

Mesmo estranhando tudo, lá vou eu sentar no "sofá trem", seja lá qual for o nome. Olho atrás, outras pessoas também embarcam nessa pequena viagem. Então, de repente começamos a subir cada vez mais alto e o coração acelera. Sem cinto de segurança nenhum, damos um giro no ar. E adivinha quem deu o grito mais alto? Vocês já devem imaginar.

Em uma girada no ar, nossos corpos se soltam dos sofás e ficamos agarrados com as mãos em uma espécie de corda, para melhor explicar. Assim, vem ao nosso encontro um helicóptero grande, e por incrível que pareça, um helicóptero com uma espécie de calçada enorme ao lado grudada junto de si, para pessoas aterrissarem da corda e outras estão lá para ajudar-nos. Mas como uma coisa dessas? Nunca vi nada parecido na vida, somente helicóptero tem seu chão ou calçada que seja para aterrissar.

No momento que coloco meus pés em determinada "calçada", são 07:00 da manhã, hora que toca o despertador, pois é hora de ir trabalhar. Sabia que nada disso poderia ser normal, ainda mais quando se vicia em séries, pois ultimamente estou digamos que assim. Arrumei-me rapidamente e não deu tempo de tomar o café da manhã em casa. Chegando em uma cafeteria pedi um pingado e um pão de queijo. Então olhando para meu pão de queijo comecei a viajar novamente no meu sonho louco, mas, desta vez rindo muito bem acordada e não apavorada. O pão de queijo estava uma delícia, com toda certeza não tanto como o de Minas.

Chá do quê?

Sani Vidal

Eu José, vivia numa casa confortável, em um bairro calmo e com uma bela vista para o centro de Passo Fundo. Nossa casa era mista, sendo a parte superior de madeira e a inferior de alvenaria. Havia ainda um porão, que era necessário na época, pois muitas coisas precisavam ser armazenadas, como por exemplo, a lenha para manter o fogão aceso aquecendo assim a casa no inverno. Na parte de trás da propriedade, havia um belo pátio com várias árvores frutíferas e uma era especial, o pessegueiro. Neste, não eram as frutas que o tornava tão interessante e sim sua principal causa de, ali, existir.

Podemos nos definir como uma família com padrões rígidos, comandados por uma mãe muito presente e um pai que delegava esses poderes a ela, pois era conhecedor do caráter de sua esposa. Assim, éramos ensinados com muito carinho e algumas chineladas a seguir esses preceitos. Será?

Ao nosso lado morava o sargento Muralha. O apelido surgiu de um comentário feito por um amigo, que olhando o emaranhado sobre a cabeça, para tapar a careca, comentou: "Olha! Parece uma muralha"! Devido ao hábito de repartir a pouca cabeleira ao pé de uma das orelhas e levá-lo até o outro lado da cabeça, tapando assim o coco pelado.

As cenas hilárias ocorriam em dias ventosos quando o vento causava estragos no topete e um dos lados acabava com uma vasta cabeleira até o ombro e do outro lado, nada. Rapidamente a língua era passada nos dedos e com uma habilidade de causar inveja a muito fabricante de gel, o penteado voltava ao lugar, lustroso e cuspido formando a muralha para esconder a calvície.

Meus amigos, que saudades! Os apelidos revelavam um pouco de nossa personalidade e dotes físicos, então éramos os cinco "mosquiteiros": Anjo, Mabela, Marmota, Chulapa e eu José.

Da janela da nossa sala de jantar, tínhamos uma visão privilegiada de Passo Fundo. A primeira coisa que víamos era a fábrica da Brahma. Ainda me lembro da sirene para chamar os colaboradores. Colaboradores? Sim! Pois trabalhar em uma cervejaria e ser funcionário? Não faz sentido. Ninguém precisava de relógio, pois ela anunciava 8h, 12h, 13h30min e 18h. A passagem de ano só era comemorada, quando a fábrica anunciava, com um longo silvo de sirene, que a hora havia chegado: Tim-Tim, Feliz Ano Novo!

Mais lugares interessantes eram vistos, como o terreno do vizinho, que era uma pérola.

Para dar início as nossas junções, um assovio que funcionava como um rastilho de pólvora anunciava como os foguetes em algumas cidades, que a "dita cuja" se fazia presente. Em segundos estávamos reunidos e a farra começava. Inalar o "produto", deixando-o transitar pelos aparelhos respiratórios, ir até os pulmões, e em postura de meditação soltá-lo vagarosamente, definitivamente entrávamos no céu.

Nada podia ser desperdiçado. Criamos até um "fumador" para sugar até a última ponta, pois estávamos cansados de explicações sobre as queimaduras constantes nas pontas dos dedos.

Chegamos à conclusão que deveríamos ter nossa própria plantação. Onde? É claro! No terreno do Sargento Muralha! Confesso que a ideia não foi nossa e sim, foi um oferecimento do terreno. Ele nos mostrou o quanto era seguro, escondido atrás de uma casa, que o Sargento locava. Nem janelas havia para os fundos, somente um pedacinho de chão mal tratado, definitivamente muito sozinho, que precisava ser envolvido, ser fecundado. Aceitamos a oferta, mesmo porque ele já havia até preparado o pé de pessegueiro. Pé esse que cresceu em nosso quintal e pelo clamor do amigo deitou-se por sobre a cerca, formando uma passagem, para que lá fôssemos dar continuidade a "sua" vontade.

Tudo foi planejado para um sábado à tarde. Dia de pouca movimentação no pátio da vizinhança. Da nossa varanda, Mabela ficou em guarda, para denunciar possíveis investidas do "inimigo", enquanto

Chulapa, Marmota e eu, fomos limpar o terreno e Anjo, o mais indicado, foi buscar as mudas.

Ouvimos o carro parando em frente a casa. Anjo desceu com uma caixa de isopor lacrada. A vizinhança, curiosa perguntou: "Vai ter festa"? A resposta de Anjo foi verdadeira.

-Vai sim! Porém, vai demorar um pouco.

Chegou! Estava em nossas mãos, viramos agricultores incrivelmente hábeis. A plantação foi rápida e organizada. Um abria a cova, outro largava a planta e tapava com terra e o terceiro regava. Deslizamos por sobre o pessegueiro e voltamos triunfantes ao nosso lado. Sentamos satisfeitos, agora era só aguardar. Então ouvimos o Sargento movimentando-se pelo terreno, o que no começo, nos deixou apreensivos, Como esse era grande, parou em baixo de um pé de chuchuzeiro e minha mãe de uma das janelas de nossa casa, cumprimentou-o e os dois tagarelaram por um bom tempo. Conversa essa que se hoje, eu, estivesse vivo renderia muito riso.

O sargento contou que em certa ocasião, cortou uma rama do chuchuzeiro e verteu tanta água, formando-se uma vala imensa no terreno, indo parar onde? Atrás da casa alugada. Sinal de alerta! Vai que convide a minha mãe para mostrar o estrago feito. Mabela entrou em ação. Correu e perguntou sobre os cachorros, codornas... Graças a Deus o papo terminou ali e o sargento voltou para sua casa, Ufa! Alívio.

Os pés vingaram, tornaram-se robustos, começamos a tirar as folhas e a secá-las em baixo do porão. A produção era boa, dava para nosso consumo, deu até para fazer uma reserva. Os dedos, enfim poupados, já não apresentavam mais as pontas queimadas e o "fumador" desapareceu.

Então o inesperado aconteceu. Numa tarde, estava no quarto do meu irmão mais novo pegando algumas roupas "emprestadas", quando ouvi Muralha gritando:

- João vem cá! Quem plantou esses pés de mandioca aqui no terreno?

- Mandioca? Deve ser erva brava! Amanhã dou uma olhada.

Pânico! Quietos fiquei, esperando e rezando para o sargento sair dali. Quando as coisas acalmaram, sabia que uma atitude radical tinha que ser tomada. Fui para a janela e assoviei, com toda força e tristeza. Em minutos a turma estava reunida. Passamos por sobre o pessegueiro e arrancamos, arrancamos, arrancamos...

O porão ficou entupido de folhas e nos revezávamos para que a secagem fosse bem sucedida.

Então numa manhã, vindo do trabalho, comecei a chegar perto de casa e um cheiro me levou ao céu, e em um segundo, um sinal de pânico brotou do estômago, causando náuseas de medo fazendo os pés criarem asas. Comecei a correr. Não achava a chave. Tive que tocar a campainha. Minha mãe abriu a porta, estava com as bochechas vermelhas e o cheiro veio como um soco no nariz. Perguntei: Mãe! Que cheiro é esse?

- Meu filho! Descobri um chá maravilhoso no porão...

Mais amor hoje

Liesge Pacheco Daris

Que bom que a sociedade de modo geral está mais receptiva para o amor. Como percebemos isso?

Em primeiro lugar, as pessoas não ficam mais obrigadas a se manterem ao lado de uma pessoa que não significa mais o seu sonho de amor, que não significa seu companheiro de caminhada pela vida, que não compartilha mais objetivos em comum ou simplesmente que perceberam que não são capazes de ter um bom convívio.

Em segundo lugar, as pessoas estão mais livres para encontrarem o seu amor com experiências reais, com um período de convivência sem compromisso futuro e sem punição social, como foi antigamente.

Em terceiro lugar o amor pode ser vivido hoje entre pessoas de classes sociais diferentes, o que no passado era proibido, condenado e de muitas formas impedido.

Em quarto lugar, vivemos num tempo em que a idade não é um empecilho para demonstração de amor, ao contrário, hoje está comprovado que o amor na idade avançada rejuvenesce, cria motivações, cura doenças físicas e da alma, além de despertar novamente nas pessoas a alegria de viver.

Em quinto lugar é necessário citar a receptividade do amor em nossos dias por todas as formas possíveis. Aqui entra o amor entre pessoas do mesmo sexo, que buscam sua forma de ser feliz, tão digna, tão cheia de sonhos e planos como todos que querem viver uma grande paixão.

Assim poderíamos ir enumerando razões e razões que mostra o quanto hoje amamos mais e mais livremente. Sem preconceitos.

Qualquer forma de amor em que duas pessoas são felizes deve ser abençoada pelo universo. Todos somos pessoas tão diferentes para que cada um possa encontrar no outro o encantamento que leva ao amor e à paixão.

Pizza e parto

Agostinho Both

Anita é papelreira. Grávida, resolve buscar apoio e cuidados para seu primeiro bebê. A cuidadora de grávidas e sua equipe constituem uma porta amável para ela. Ajudam até no preparo do enxoval. Um ânimo bom cerca o grupo das mulheres. Afinal ter um filho aponta para esperança. As mães também esperam por um salvador.

Anita, ao final do tempo, sente a hora de ser mãe. Lá se foi ao hospital, mas solita devia encarar o nascimento. Pobreza tem disso: até os grandes momentos podem não ter companhia. Pior da pobreza: as ausências do respeito e da consideração. Narro então esta tragédia humana contada por uma das cuidadoras, semanas depois do parto.

Quando vi Anita procurei logo saber do filho, falou. Apreciava ouvi-la por obrigação de minha função, vínculo e também porque ela era de palavras bem postas. Infelizmente ouvi o que não me fez bem ouvir. Sem tirar nem pôr, Anita foi logo falando. Entrei no hospital me dirigindo até à maternidade. Uma enfermeira me atendeu com cara de poucos amigos. Ela falou assim: justo agora que vou comer minha pizza! Fica na cama aí no canto. Vou fazer um sorinho, ela disse. Depois se retirou para a mesa onde havia a pizza de vários sabores. Fui para meu canto. Pouco tempo depois senti a vinda de meu bebê. Nasceu minha criança. Ela apareceu... A enfermeira veio ver o nascimento e viu mais a placenta e o líquido, mas não minha criança. Esperei seu auxílio. Ouvi o pior que uma mãe pode ouvir: ai que nojo!, e agora como vou comer minha pizza!?

Ao final da narrativa a cuidadora de grávidas viu uma lágrima descendo no rosto de Anita. Por certo a cuidadora, emprestando seu ouvido reverente, melhorou o acontecimento.

A vingança do sabiá

Paulo Monteiro

Para meu amigo Turiassú Ferreira:

As cidades tornam-se cada vez mais desumanas. Exemplo dessa desumanidade é o fim dos "tipos de rua", para usar o termo clássico de Melo Moraes Filho empregado em seu belíssimo livro "Festas e Tradições Populares do Brasil", de 1901. Numa destas noites geladas, eu e meu velho colega de aula e trabalho Turiassú Ferreira lembrávamos pelo Facebook uma dessas belíssimas figuras humanas que davam um tom alegre às ruas passo-fundenses da nossa juventude: o cambista Sabiá. Cambista era o nome que se dava aos vendedores avulsos dos bilhetes da Loteria da Caixa Econômica Federal e da extinta Caixa Econômica Estadual.

Seu nome civil perdeu-se na noite, ainda recente dos tempos. E de mais a mais, pobre só deixa nome na história se praticar sordidez. Era, O Sabiá. E bastava.

Baixote e barbado, pobrememente, mas relativamente bem vestido, morava para os lados da Vila Vera Cruz e vendia bilhetes de loterias no centro da cidade. O nome, conferiam-no pelo hábito que nosso herói possuía de caminhar, numa espécie de marcha-ganso, com as mãos às costas, assoviando um característico: "Fiu-fiu, fiu-fiu" bastante comum àquele pássaro canoro.

Certa feita, eu e meu amigo Turiassú, que trabalhávamos na Fiscalização da Secretaria Municipal da Fazenda, envolvemo-nos numa patacoada juvenil com o conhecidíssimo cambista. Ele estava nos seus dias de maior inspiração canora.

O fato passou-se da seguinte maneira. Estávamos em frente ao atual prédio do Fórum e paramos para contemplar a sessão de gorjeios da conhecidíssima figura. Ao passar por nós, Turiassú emitiu um sonoro

"Fiúúú... Sabiá!", que imediatamente se voltou para nós e largou o velho bordão com que atacava aqueles que o chamassem pelo apelido:

- Sabiá é o cu da mãe!"

Encostamo-nos à parede de uma velha casa que ali existia e participamos de uma belíssima festa ao vivo. O Sabiá passou a ir e voltar, mãos às costas, passos ritmados e o assovio de sempre. Ao passar ante nós ouvia o bordão "Fiúúú... Sabiá!" que respondia com o velho mote.

A certa altura silenciámos e passamos a encará-lo carrancudos. Então mudou as palavras. Passo a encarar ainda mais duro ao meu colega e a repetir:

"- Tem um veado me olhando... E continua me olhando!"

Algum tempo depois notou minha presença carrancuda e mudou o bordão:

"- Tem dois veados me olhando... E continuam me olhando!"

Afastamo-nos da Avenida General Netto e fomos cumprir nossas atividades funcionais, deixando a velha e querida figura humana entregue à vida rotineira que levava.

Passaram-se dias. E numa noite em que voltava para casa no escuro, atravessando a Praça Almirante Tamandaré, na Rua Teixeira Soares, bem onde nasceu a cidade de Passo Fundo, Turiassú sofreu um atentado. Alguém pulou sobre ele, apertou seu pescoço e sacudiu fortemente. Pego de surpresa, apesar de jovem e ágil jogador de futebol de salão, meu amigo ficou paralisado. Só despertou quando reconheceu o gorjeio característico e o barulho característico do popularíssimo repartidor de bilhetes.

Nunca mais fizemos chacotas juvenis com o queridíssimo Sabiá. Afinal, se um sabiá de pena e asas é capaz de espantar um valente gavião, imagine-se do que é capaz um sabiá de terno e mãos.

Seguramente, nesta madrugada em que escrevo esta crônica, o saudoso cambista é mais uma ave no "céu dos passarinhos" em que o poeta Manuel Bandeira acreditava. E, seguramente, também acreditamos.

Devaneios de um anoitecer de outono

Gabriel Cavalheiro Tonin

No momento em que escrevo essas linhas meu corpo repousa tranquilo sobre uma pequena poltrona, em confortável casa de uma cidade do sul do Brasil. O tempo está quente, nublado. É um belo anoitecer de outono com resquício da estação passada. Minha mente vagueia. Está viajando. Deleita-se pelos sonhos, desejos e esperanças. Um entusiasmo me invade de cima a baixo, e sinto meu espírito calmo, sereno.

Fui feliz no dia de hoje. Avistei da janela de casa, um lindo beija-flor a roçar seus lábios sobre todo o jardim. Pousou demoradamente sobre cada bela flor que avistava. E se nutria. E me nutria. Meus olhos tiveram a graça única de saborear o voo desse pequeno irmão, que se enervou de liberdade e continuou seu caminho. Um silêncio sepulcral se seguiu intacto. Creio que a educadora natureza estava no seu modo, divagando também em sonhos, idéias e energia.

Compartilho dessa força. Sinto em mim uma alma viva, esplendorosa, ávida por aprender, mas que já muito sabe. Uma alma que já veio ao mundo físico muito consciente de sua missão. E percebo, com alegria, que compartilho cotidianamente com minha essência desse ensinamento precioso que é o viver. Tão inevitável e insubstituível. O viver que me impulsiona a querer estar próximo de outras almas, sentindo, degustando da nossa capacidade de criar laços, de dar abraços, de dialogar francamente um com o outro. De amar. De ser. De querer. De se libertar. Pois nada e nem ninguém consegue extrair em uma fórmula, tese ou teoria o enigmático cerne da vida; pois a vida não é ciência exata. Ela se transfigura, renova-se, enlouquece, acalenta, desafia. Ela pulsa por si só.

E eu também pulso. Vibro ao escrever essas linhas. Sou, nesse exato instante, o filho, o amigo, o cidadão, o educador, o ator, o jardineiro, o sonhador, o fazedor, o amador. O jovem que se conecta a

um cabedal de esperanças risonhas. O poeta que entremeia por sendas apaixonadas. Em mim se encontram todas as vidas possíveis em apenas uma. E milhares de desejos convergem sobre mim, como pontes que me ligam ao meu íntimo, se há do meu íntimo alguma coisa neste mundo.

Se existe alguma missão a cumprir; se há um objetivo a ser perseguido, que nunca falte liberdade para pensar, ser, agir. E também para o contrário. Para se dar também ao direito de calar-se, pois o silêncio, muitas vezes, professa ideias com muito mais vigor e exatidão que o retumbo estrepitoso das vozes. Para duvidar, exercer a curiosidade, investigar, refletir, indagar, afirmar, negar. Somente estando numa posição de completo despudor da carga extremamente dogmática, ideologizada que carregamos, será possível comandar a vida como ela é. Nascemos para sermos livres, e é desse exercício que devemos nos prospectar sempre.

E, como construtor dessa missão/trabalho que tomei como base na vida, nutro a esperança que um dia tenhamos esse livre estar na educação. A fim de que o educar não seja reduzido a meras patifarias indecentes que ainda nos assolam. Porque esta rica função de educar começa por si mesmo. Não há "ensinagem". Não há a necessidade de se produzir currículos, avaliações, preparação profissional. A vida perpassa todas essas definições. É o aqui e o agora que nos educa. É essa vibração da alma, tão peregrina, que nos remete a querer sempre descobrir mais, saber mais, abrir-se. A escola é aquela que a gente cria. É o risco do lápis, o cálculo intrigante, a descoberta científica, a poesia da madrugada, o toque sutil do violino. São as rodas de brincadeiras, as invenções na cozinha, é a construção de castelos, sejam eles reais ou imaginários. O aprender é, por excelência, esse voo sem rumo, o mergulho visceral nas estranhas mais inquietas e miscigenadas da existência terrena.

De uma pequena conversa animada, de um outono ainda quente, levo ao vento minhas sinceras palavras, e apenas desejo, do fundo do coração, que elas sejam felizes. Com a intenção única e irrestrita de continuar sonhando, fazendo, sendo. Pois não há nada mais sagrado no mundo que um indivíduo pleno da potencial capacidade de ser ele mesmo nesta vastidão imensurável de energia que nos chama.

Depois daquele olhar

Gilberto R. Cunha

A cena emblemática é descrita pelo professor de psicologia da Universidade de Chicago, Eugene T. Gendlin, em artigo que assina no *Journal of Consciousness Studies*, v.6, n.2-3, 1999, p. 232-237, intitulado *A new model*. Em breves palavras: um cientista chega a casa e olha nos olhos do filho pequeno, que lhe retribui o olhar. Não dizem nada. Imagino que, pelo menos interiormente, tenham sorrido um para o outro. E o cientista pensa: que triste que você é apenas uma máquina! (Isn't it sad that you are really just a machine!) O exemplo não faria tanto sentido, caso o modelo de prática científica mais bem sucedido, até agora, não fosse exatamente o de universo visto como uma máquina, tal qual preconizou René Descartes. Em que imaginamos ou admitimos conhecer algo apenas quando depois de separado em suas partes fundamentais (unidades componentes) conseguimos reconstruir o todo. É o reinado absoluto das disciplinas na ciência e das especializações nas áreas técnicas. Não obstante todo o mérito e as contribuições deixadas pelo pensamento cartesiano na ciência, esse é apenas um método. Felizmente, há outros.

Indiscutivelmente, muitas propriedades desaparecem (e outras surgem), quando um sistema é reduzido às suas partes componentes para depois ser reconstruído como se fosse uma máquina. O modelo ecológico tem uma visão oposta: tudo faz parte do todo. Por isso é ilusório pensar que é possível conhecer plenamente uma parte isolada do todo ao qual pertence. O modelo ecológico (holístico) de ver as coisas não substitui o anterior; mas, antes de tudo, interage com o método analítico, ampliando seu alcance. Todavia, também esse modelo tem suas limitações, especialmente quando precisamos incluir a nós, os seres humanos, no contexto. Assim, nem as unidades fundamentais e nem o todo parecem ser suficiente. Um terceiro modelo, baseado em processos, tem sido visto como solução alternativa. Processos podem

criar novos todos e, fundamentalmente, são processos que estão por trás da base de funcionamento de qualquer todo.

O uso do método científico, entendido como um conjunto de procedimentos que obedece a regras definidas, é que permite a formação de um corpo de conhecimento possível de ser partilhado entre indivíduos de uma mesma sociedade. Esse corpo de conhecimento é tanto objetivo quanto subjetivo. A subjetividade, nesse caso, reside no fato de depender de observações e experiências individuais. Portanto, na ciência, embora haja quem negue, a subjetividade está sempre implícita na chamada objetividade.

A perspectiva de uma ciência praticada essencialmente na terceira pessoa é falsa. E aqui não se trata de uma mera questão de pessoalidade no sentido gramatical (1ª e 3ª pessoas: Eu e Ele). São muitas as controvérsias filosóficas (e epistemológicas) que não nos permitem ignorar a importância da primeira pessoa (o Eu), especialmente com o sentido de consciência. Não obstante, seja lugar-comum a crença na impessoalidade da ciência, há, no caso dos sistemas vivos, experiências que não podem ser derivadas meramente a partir da perspectiva da terceira pessoa (externa ao indivíduo). A visão interna é um componente ativo e manifesto na prática científica.

Lamentavelmente, a subjetividade na ciência tem sido deixada de fora ou, no mínimo, não adequadamente considerada. Também não pode ser ignorado que qualquer experiência científica envolve o risco de deformar a realidade simulada pelo método ou até mesmo de aquilo que está sendo objeto de experiência não passar de uma criação do próprio método. Esta é uma dimensão oculta, mas nunca totalmente ausente. Por isso, o que hoje é considerado aceito pela boa teoria, amanhã pode ser falso. A inclinação natural da ciência é testar teorias.

Nosso conhecimento científico, que nos permite usar informação de forma discriminada, é um conhecimento humano de mundo. Formatamos mentalmente um universo humanizado. Não sabemos como pensa e que é ser um sapo ou um ipê amarelo. E, mesmo assim, a ciência busca (e parece ter) poder para redesenhar plantas, animais e até nós mesmos. A longevidade humana (uma espécie de imortalidade) pode ser substancialmente elevada, caso sejam silenciados os genes

responsáveis pelo envelhecimento. A grande questão é: alcançado esse fim, em que nos transformaremos? Há dúvida se devemos ir adiante nessa empreitada, antes de nos redescobrimos como seres humanos. O único acesso epistêmico que temos ao mundo é por meio de nossa consciência. Mas o difícil mesmo é saber que é um homem consciente?

Sobre os Cronistas

Ademar Medin - Natural de Chapada, RS, reside em Passo Fundo, RS. Autor tem textos, artigos e crônicas em revistas; poemas em livros. Colaborador no Projeto Passo Fundo, com dois livros, Reflexões: pensar com o corpo, entender com a alma e viver com o espírito (2016), e Reflexões: preciosidades para fazer a sua vida brilhar (2016) Lança o terceiro livro, Reflexões: preciosas sementes (2017).

Agostinho Both - Autor de diversos livros. Artigos em inúmeras revistas e em capítulos de livros, todos de natureza acadêmica. Após a aposentadoria, escreveu romances sobre temas relevantes de nossa cultura. Possui estilo literário livre de preceitos acadêmicos. A bagagem, como professor e administrador universitário, faz com que penetre com estilo leve e crítico nas questões do cotidiano da nossa cultura. Acima de tudo, busca forma pessoal, advogando a estética em primeiro lugar.

Alberto Antônio Rebonatto - Natural de Barra Funda, ex-distrito de Sarandi, hoje município de mesmo nome. Trabalhou no jornal Diário da Manhã de Passo Fundo como revisor e redator. Bancário desde 1958, aposentou-se no Banco do Brasil. Colaborador na revista Água da Fonte da Academia Passo-Fundense de Letras, da qual é membro efetivo, e no Projeto Passo Fundo.

Aleixo da Rosa - Cobrador de ônibus. Acadêmico de Filosofia. Leitor compulsivo. Aprendiz de escritor e de músico.

Alexandra Rauch - Escritora e colaborador do Projeto Passo Fundo.

Ana Paula Nonnenmacher - Graduada em Comunicação Social, com Habilitação em Jornalismo, pela Universidade de Passo Fundo/2009. Cronista no Jornal O Nacional, de Passo Fundo. Desenvolveu matérias para a Revista eletrônica Comarte e trabalha com assessoria de imprensa. Atualmente, jornalista na Revista Empreendedor e no Jornal ZUUM-ZUUM.

Bruno Quevedo - Escritor e colaborador do Projeto Passo Fundo.

Daniele de Freitas dos Santos - Jornalista apaixonada pelas letras.

Dinair Fernandes Pires - Natural de Santana do Livramento RS. Professora e escritora. Seus poemas e crônicas são publicados em jornais, revistas ou sites literários. Colabora com a revista Água da Fonte da Academia Passo-Fundense de Letras e no Projeto Passo Fundo. Participante das Coletâneas de 2011, 2013 do Projeto, dos livros Poemas nos Ônibus da COLEURB e Poemas no Túnel da Academia Passo-Fundense de Letras. Em 2006, lançou o livro "A vida em quatro estações" e, em 2014, o livro "Textos no Varal".

Elbenice Vargas - Escritora e colaborador do Projeto Passo Fundo.

Gabriel Bastos - Comerciante, político e escritor. Santa Maria, 1859, Passo Fundo, 1950. Transferiu-se para Passo Fundo em 1885, para onde, após breve período fora, retornou em 1902, quando prosseguiu com suas atividades comerciais no ramo da indústria madeireira. Foi presidente do Conselho Escolar Municipal em 1903 e, entre 1908-1912 e 1920-1924, foi Vice-Intendente. Membro do Clube Pinheiro Machado, hoje Academia Passo-fundense de Letras. Residiu na esquina da Avenida Brasil com a Rua Quinze de Novembro, frentes Sul e Oeste.

Gabriel Cavalheiro Tonin - Conhecido como Gabito Pirulito; professor, escritor e palhaço. Autor do livro Roda Pião. Atua na trupe do Grupo Alalua. Vencedor dos prêmios: Concurso Debate Universitário 2013 (JCI Passo Fundo), Concurso Interno de Oratória 2014 (JCI Passo Fundo), Prêmio Fábio de Carvalho Noronha 2014 (Academia de Letras de São João da Boa Vista-SP); para ele, nada se compara ao maior prêmio da sua vida: a alegria das crianças de 0 a 100 anos, que se deliciam com seus jeitos e trejeitos. Alalua!

Getúlio Vargas Zauza - Membro da Academia Passo-Fundense de Letras e articulista do jornal O Nacional, onde escreve artigos sobre assuntos de sua especialidade, urbanismo, educação, política, sociologia, ciência de natureza, filosofia, contos e crônicas. Publicou o livro de poemas Cânticos do Amor à Vida em 1984.

Gilberto R. Cunha - Formado em agronomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1985). Mestre e Doutor por essa mesma

universidade na área de meteorologia agrícola (1988 e 1991). Autor da série de livros Meteorologia: Fatos & Mitos (1997, 2000 e 2003), e dos livros Cientistas no Divã (2007), Galileu é meu pesadelo (2009) e A ciência como ela é... (2012), entre outras obras sobre história e tecnologia de produção de trigo no Brasil. Articulista do jornal O Nacional desde 1996 sobre ciência e literatura. Em 2001 se incorporou e em 2014 assume a Presidência da Academia Passo-Fundense de Letras. Em 2009, foi escolhido Patrono da 23a Feira do Livro de Passo Fundo.

Helena Rotta de Camargo - Nasceu em Espumoso/RS. Bacharel e Licenciatura em Letras Anglo-Germânicas. Especialista em Língua Portuguesa, em Administração Escolar e em Planejamento Educacional. Professora e Técnica Judiciário, aposentada. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras e colaboradora no Projeto Passo Fundo. Como poeta, cronista e produtora de textos, colabora com artigos na imprensa local e regional. Começou a editar em 1985, e conta hoje, com obras impressas e em E-book. Participou de concursos literários, antologias, anuários de escritores e publicações avulsas suscitando grande interesse por parte dos leitores.

Jacqueline Chaves - Nasceu em Passo Fundo, em 05 de fevereiro de 1970. É filha de Augustinho de Oliveira da Rosa (in memoriam) e Thereza de Lurdes Azeredo de Chaves. cursou o 1º Semestre do Curso de História na UPF, formou-se no Curso Técnico de Contabilidade, na Escola Estadual Joaquim Fagundes dos Reis. Trabalha em Escola de Educação Infantil do Município e é Servidora Pública.

Jorge Alberto Salton - Psiquiatra; formado na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); especialista e mestre em psiquiatria pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor titular da Faculdade de Medicina da Universidade de Passo Fundo (UPF). Escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras. Colaborador no Projeto Passo Fundo.

José Carlos Ramos Berton - Escritor e colaborador do Projeto Passo Fundo.

Júlio Perez - Nasceu em 1968. Servidor público estadual no Tribunal de Contas do Estado. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras, colaborador no Projeto Passo Fundo. Publicou o primeiro livro,

Expresso Instante, em 2006; o segundo, Fugaz Idade, em 2010 e, o terceiro, A Bolsa da Minha Mãe e Outros Contos, em 2012.

Liesge Pacheco Daris - Com 63 anos e uma linda família de muitas mulheres, 4 filhas e 3 netas, tem o prazer de reuni-las em um Chá festivo e afetivo da Família Farias. O gosto pela escrita veio a partir de relatos de viagens, hoje já é uma paixão e escreve inspirada nas suas vivências do cotidiano e experiências alcançadas no magistério. É integrante do CREATI/UPF, da Oficina de Línguas e Literatura/COMAI e também colaboradora do Projeto Passo Fundo.

Marco Antonio Damian - Historiador. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras, do Instituto Histórico de Passo Fundo e da Associação Gaúcha dos Historiadores de Futebol. Colaborador no Projeto Passo Fundo.

Marco Aurélio Barbiero - Natural de Sananduva, morou em Erval Grande, São Valentim e Barracão. Reside em Passo Fundo. Programador, analista de sistemas e professor. Servidor público federal. Colaborador no Projeto Passo Fundo.

Marlene Kremer - Não tem a honrosa pretensão de se denominar poeta. Costuma, apenas, brincar com as palavras que a atraem; muito embora, algumas vezes, é traída por elas.

Miguel Guggiana - Nasceu em Uruguaiana em 1948, radicado em Passo Fundo desde 1992. Com formação em Administração de Empresas e Ciências Contábeis atua como empresário do ramo imobiliário. Colaborador assíduo no Projeto Passo Fundo e autor do livro "Garçom, a saideira!" sucesso de venda e crítica.

Moacir Luís Araldi - Formado em letras pela Universidade de Passo Fundo. Participação em antologias nacionais e locais. Autor dos livros Cabernet e Interlúdios. Colaborador no Projeto Passo Fundo.

Odilon Garcez Ayres - Natural de São Sepé; coxilhense e passo-fundense de coração. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras. Autor dos livros "Caboclo Serrano: em O Puchirão do Gé Picaço, nas revoluções de 1923, 30 e 32", de 2008; "Oché y Sefé Tiarayú", de 2006 e "Cerrito do Ouro à Coxilha", de 2012, em versão eletrônica.

Pablo Casca de Noz - Nasceu no dia 09/09/1992, na cidade de Cruz Alta no RS. É apaixonado por cinema, Literatura e teatro. Publicou

seus primeiros poemas em sua página no facebook com o nome de “Pablo Silva- Casca de Noz” que hoje conta com mais de 4.000 seguidores. Também é conhecido com o seu pseudônimo “Estevão Garcia” no qual, ele diz, que os poemas são mais “sujos”, tratando com temas que abordam sexo, prostituição, bebidas e drogas.

Paulo Monteiro - Escritor, historiador, membro da Academia Passo-Fundense de Letras e de outras entidades culturais do Brasil e do Exterior. Autor de “Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo” de 2006; “O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas” de 2010; “A Campanha da Legalidade em Passo Fundo” de 2011; “eu resisti também cantando” de 2012. Patrono da 27ª Feira do Livro em Passo Fundo em 2013.

Régis Caanabarro - Escritor, Astrólogo e Numerólogo, colaborador do Projeto Passo Fundo.

Sani Vidal - Pseudônimo de Rosani Lermenn Vidal, adotado para voltar à infância em Boa Esperança, interior de Cruzeiro do Sul, onde nasceu. Artista plástica, com participação na Coletiva Guaíra II/85, em Curitiba. Autora do livro “Salve-se quem Puder”. Colaboradora no Projeto Passo Fundo.

Sueli Gehlen Frosi - Estudou no colégio Notre Dame e no Instituto Educacional. Graduada em Ciências Contábeis pela Universidade de Passo Fundo e Filosofia pelo Instituto Superior de Filosofia Berthier. Escritora. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras e colaboradora no Projeto Passo Fundo. Autora do livro “Compaixão”.

Tânia Du Bois - Residente em Balneário Camboriú, SC. Pedagoga. Articulista e cronista; textos em portais, sites e blogs literários. Organizadora e revisora de textos; capista de livros. Colaboradora no Projeto Passo Fundo. Autora dos livros “Amantes nas Entrelinhas”, “O Exercício das Vozes”, “Autópsia do Invisível”, “Comércio de Ilusões”, “O Eco dos Objetos – cabides da memória”, “Arte em Movimento” e “Vidas Desamarradas”.



[Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)



André Rossi Canals - Professor de Geografia da Rede Estadual e Municipal em Passo Fundo. É militante sindical. Possui artigo e texto na Área de Educação e Geopolítica. Lançou o livro de contos e crônicas com a temática sobre Educação: "Escolas Esparsas". Escreve contos e crônicas para o jornal literário Letras Santiaguenses de circulação no Brasil e no exterior. Em outubro de 2016 ganhou o prêmio FLAL 2016-Festival de Literatura e Artes Literárias- 4o. Lugar/ Categoria: Poesia.

Autores participantes

Ademar Medin, Agostinho Both , Alberto Antônio Rebonatto , Aleixo da Rosa, Alexandra Rauch, Ana Paula Nonnenmacher, Bruno Quevedo, Daniele de Freitas dos Santos, Dinair Fernandes Pires, Elbenice Vargas, Gabriel Bastos , Gabriel Cavalheiro Tonin, Getúlio Vargas Zauza , Gilberto R. Cunha , Helena Rotta de Camargo , Jacqueline Chaves, Jorge Alberto Salton , José Carlos Ramos Berton, Júlio Perez, Liesge Pacheco Daris, Marco Antonio Damian , Marco Aurélio Barbiero, Marlene Kremer, Miguel Guggiana, Moacir Luís Araldi, Odilon Garcez Ayres, Pablo Casca de Noz, Paulo Monteiro, Régis Caanabarro , Sani Vidal, Sueli Gehlen Frosi, Tania Du Bois

Neste livro, os autores passo-fundenses oferecem ao público vários cenários da vida cotidiana. Através de crônicas, são retratados capítulos do ser humano nas ruas, nas casas e no trabalho. Os problemas diários do ser humano são expressos com doses de humor e crítica. São contadas situações em que a alma humana se mostra aflita num mundo tão complexo.

Não faltam também escritas dos aspectos políticos sociais e econômicos que perpassam nossas vidas. Cotidianamente produzimos matéria-prima para a literatura, e dessa maneira, podemos consumir um produto textual composto por mãos tão competentes.

Assim, o Projeto Passo Fundo apresenta uma compilação permeada de visões do mundo e acontecimentos singulares que alimentam nossa existência.

